

RMS KAR WFA

CADA EXEMPLAR  
DEPARTMENT OF  
LIBRARY DIVISION  
**10**  
JUN 1 1961  
LR FILE COPY  
PLEASE RETURN  
CRUZEIROS

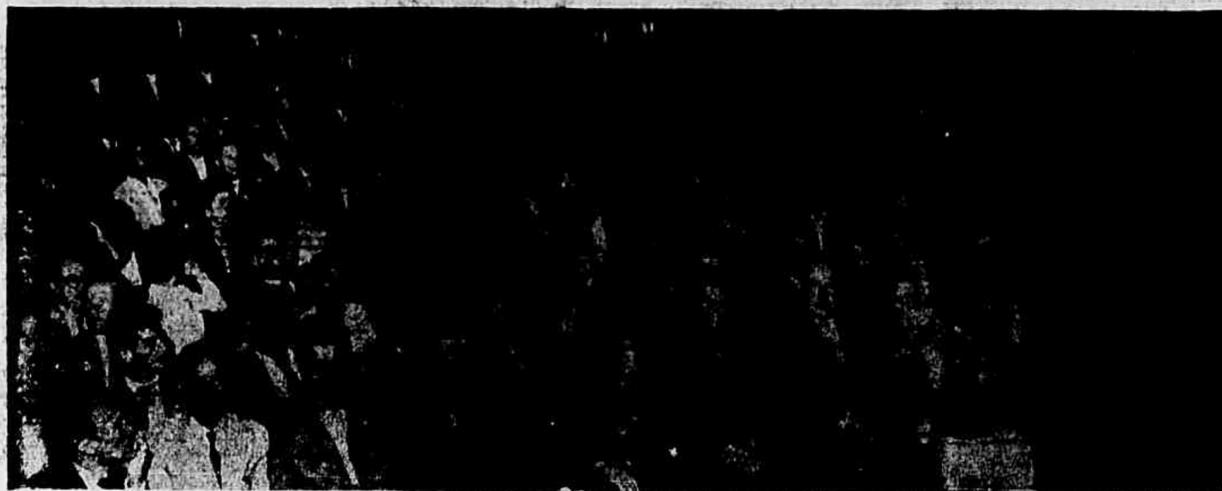
## NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA A GUANABARA  
ANO III Rio de Janeiro, semana de 26 de maio a 1º de junho de 1961 N.º 116  
Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragmen Borges

ENCONTRO NACIONAL DE BELO HORIZONTE:

# Milhões de Trabalhadores Lutarão Pelo Aumento Imediato Dos Salários

TEXTO NA 2ª PAGINA



COM A PARTICIPAÇÃO de mais de 500 líderes sindicais, representantes dos trabalhadores de 17 Estados de todas as regiões do País, realizou-se em Belo Horizonte, de 20 a 21 do corrente, o II Encontro Nacional dos Dirigentes Sindicais. As decisões do conclave, aprovadas pela unanimidade dos delegados, vão publicadas na 2ª página. Na foto, um aspecto da sessão de encerramento, que contou com a presença de mais de três mil pessoas.

**Homenagem à China: banquete de 500 talheres**

A MISSÃO COMERCIAL da República Popular Chinesa, ora em visita ao nosso país, foi homenageada na última terça-feira com um grande banquete na ABI, promovido pela Sociedade Cultural Sino-brasileira, ao qual compareceram cerca de 500 pessoas. Saudando os representantes do povo chinês falaram o dr. Mário Fabião, o escritor Raimundo Magalhães Júnior e o dr. Campos da Paz, agradecendo o presidente da delegação, sr. Nam Han-chen. Entre as numerosas personalidades presentes estavam o deputado Benigno Fernandes, representando o governador do Estado do Rio, o pintor Di Cavalcanti, o desembargador Osny Duarte, o ex-senador Luiz Carlos Prestes, os drs. Álvaro Dória e Paulo César Pimentel e o escritor Guerreiro Ramos. No mesmo dia, à tarde, a missão comercial chinesa foi recebida pela Assembléia Legislativa e pelo governador do Estado do Rio. Os representantes da China deixaram o Brasil no dia 25. Na foto, o presidente da Delegação chinesa entre Prestes e Di Cavalcanti.

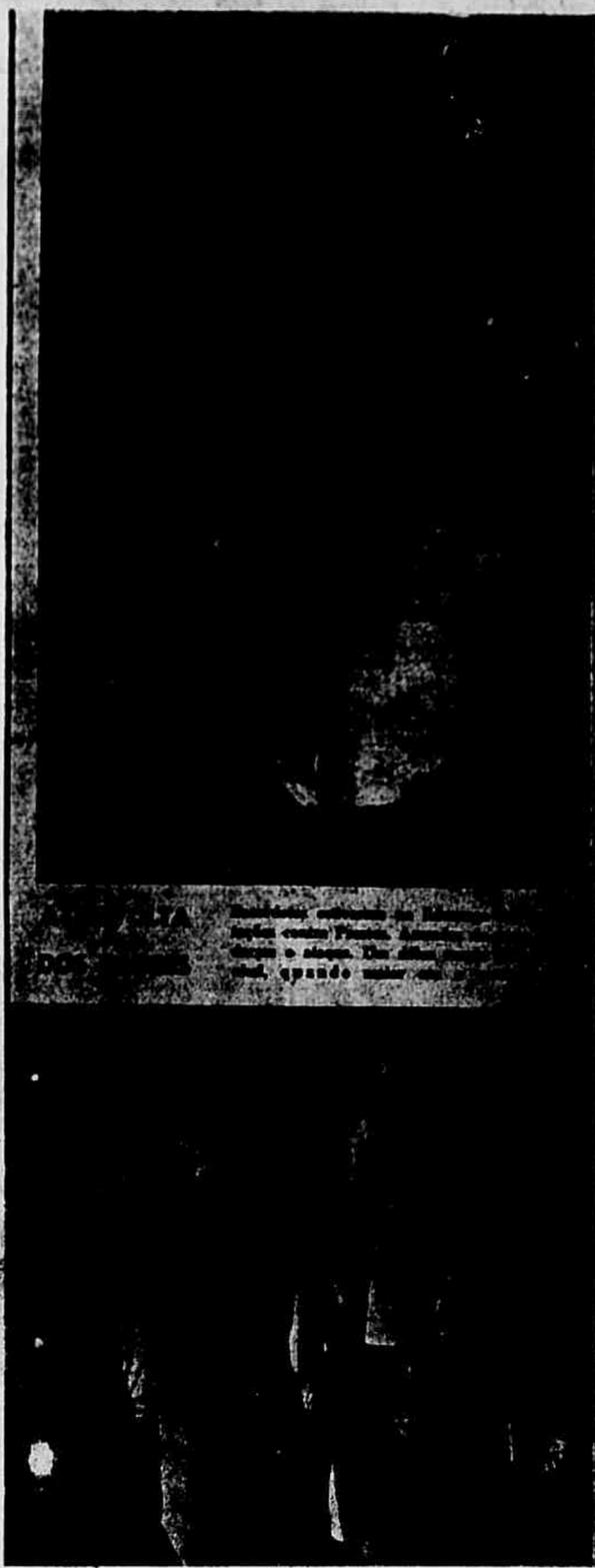
**Dia 30, na ABI: conferência de Osny Duarte**

«ASPECTOS da Nossa Política Exterior» — este é tema sobre o qual o desembargador Osny Duarte Pereira pronunciará uma conferência na próxima 3ª feira, dia 30, às 18,30 horas, na Biblioteca da ABI, em prosseguimento ao ciclo de palestras patrocinadas pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo. As palestras seguintes serão: dia 6 de junho, eng. Murilo Coutinho («Aspectos do Nordeste») e dia 13, eng. Lobo Carneiro («Atualidades sobre o problema do petróleo»).

FIDEL CASTRO:  
**«Cuba é Soberana: Nosso Caminho é o Socialismo»**

GOVERNADOR DO R. G. NORTE:  
**«Sou pela legalidade do Partido Comunista»**

Texto na 3ª página



### PADRE FASCISTA QUERIA MATAR

UM PADRE fascista, de nome Giordani, comandou pessoalmente nas ruas de Caxias a baderna com que a reação tentou, inutilmente, impedir que Prestes falasse. Ora empunhando um cachê ora sacando um punhal, em gestos criminosos que nada têm a ver com a sua missão de sacerdote, esse discípulo de Hitler agulava histéricamente jovens imberbes e uma massa de desocupados a investir contra Prestes. O fascista Giordani, apontando para o Cavaleiro da Esperança, esbravejava apoplético: «Mata! Mata!» Mas os gaúchos esmagaram a provocação. Prestes foi aclamado em sua terra natal. As fotos acima foram publicadas pela revista Fatos & Fotos.



## Peixeira e Cabeça-de-Negro

ORLANDO BOMFIM JR.

OS DISTÚRBIOS provocados no Rio Grande do Sul não podem ser vistos como fatos apenas locais e esporádicos. Existe evidente ligação entre a peixeira do padre Giordani, de Caxias, e a cabeça-de-negro atraída por um "play-boy" do Recife durante uma palestra da mãe de Che Guevara. Mesmo porque também em outras cidades fatos semelhantes se repetiram.

DIANTE dos fracassos que vêm sofrendo por toda parte, as forças do atraso e da reação procuram transformar sua impotência em desespero e terrorismo. Isso torna necessário, sem dúvida, maior vigilância. E mostra, por outro lado, que a própria conduta dessas forças favorece a luta organizada e unitária capaz de levá-las mais rapidamente à derrota definitiva.

A POPULAÇÃO gaúcha assistiu a atos de vandalismo e manifestações de intolerância tipicamente fascistas. Era o horror ao livre debate das idéias. Foi a tentativa de anular, pela violência, o direito de reunião. A agressão física e a depredação de bens públicos e particulares se transformaram em normas de ação política. E se todos esses aspectos não fossem suficientes para condenar tais manifestações, existe outro, que por si só chega a provocar indignação. E que os promotores da baderna se aproveitaram, para seus fins, de menores inexperientes, de crianças de colégios. E quem agiu assim? Os próprios responsáveis pelos colégios. E alguns eram padres católicos! As fotografias dizem tudo. Cremos não haver nada menos cristão e mais chocante do que um sacerdote a dirigir arruaças, brandindo punhal ou de porrêta na mão. E faltar com o respeito ao seu próprio ofício. E ofender o respeito que todos nós, sem quebra de nossas convicções filosóficas, temos pelos sentimentos religiosos do povo. A extremos dessa natureza leva o desespero reacionário.

O ESPERNEIO das forças do atraso e do obscurantismo deve, conforme dissemos, servir de alerta aos democratas e patriotas. Não passa, entretanto, de um espremeio. Não é ele que dita o rumo dos acontecimentos. Porque a verdade é que também em nosso país, como no mundo, são as forças da democracia e do progresso que se ampliam, consolidam e avançam. O II Encontro Sindical Nacional, realizado em Belo Horizonte, é o exemplo mais recente.

REUNIRAM-SE, na capital de Minas, os representantes do que existe de autêntico e realmente expressivo no movimento sindical brasileiro. Sua preocupação principal era encontrar soluções para os problemas que afligem os trabalhadores em particular e para os problemas que afligem toda a nação. Por isso mesmo, diferenças políticas, religiosas, ou de qualquer outra natureza, não constituíram obstáculo a que chegassem a um ponto-de-vista comum. Católicos, espíritas, protestantes ou ateus, trabalhistas, comunistas, possedistas ou socialistas, debateram democraticamente as questões apresentadas. E não se limitaram a resolver problemas, a indicar soluções. Cuidaram, imediatamente, das primeiras medidas orientadas no sentido de organizar a luta pela conquista dessas soluções.

O MOVIMENTO sindical respondeu, dessa maneira, a todos aqueles que se esforçam por dividi-lo e enfraquecê-lo. E respondeu fortalecendo sua unidade e sua organização, reafirmando seu espírito combativo e sua decisão de alcançar os objetivos a que se traçou. Este é o caminho. E constituiu também um estímulo e um exemplo. Representa um incentivo a todas as demais forças patrióticas e democráticas, que encontram no movimento operário a base sólida da vitória futura. E aponta o movimento organizado de massas como a grande arma (superior a qualquer peixeira ou cabeça-de-negro...) que levará o qualquer reacionário a se isolar cada vez mais e a caminhar mais depressa para sua inevitável derrota.

RESOLUÇÕES DO II ENCONTRO

# Milhões de Trabalhadores Clamarão Por um Aumento Geral de Salários

Após um longo debate sobre os problemas econômicos, políticos e sociais do país, e os seus reflexos sobre as condições de vida de cerca de cinco milhões de trabalhadores brasileiros, os dirigentes sindicais de todo o território nacional resolveram, como medida de emergência destinada a aliviar as dificuldades econômicas dos trabalhadores, agravadas com a execução da Lei de Salários, ordenados e vencimentos. A seguinte é a íntegra das resoluções do II Encontro Sindical Nacional:

## II Encontro Sindical Nacional — 20/21 maio 1961

Os dirigentes sindicais dos trabalhadores do Brasil, reunidos nos dias 20 e 21 de maio de 1961 na cidade de Belo Horizonte, para examinar as conquistas dos trabalhadores com a execução das resoluções do III Congresso Nacional Sindical e do I Encontro Nacional Sindical de São Paulo e formular o encaminhamento da campanha pelas demais resoluções não concretizadas, bem como equacionar novos problemas,

### RESOLVEM

#### Problema salarial

- a) — Salário-Mínimo: — lutar por sua revisão, de acordo com o item I do Art. 157 da Constituição Federal, unificando o Norte e o Nordeste do país numa só região, a fim de evitar o desnível nela existente. Ao ser feita essa revisão, manter a hierarquia salarial para todos os trabalhadores que já percebam salário além do mínimo.
- b) — Salário Profissional: — lutar pela sua conquista.
- c) — Lutar por um aumento geral imediato dos salários, ordenados e vencimentos;
- d) — Escala Móvel de Salários: — a propósito da escala móvel de salários, o II Encontro Nacional dos Dirigentes Sindicais recomenda ao Congresso Nacional a sustação do andamento do respectivo projeto, até que os trabalhadores possam discutir amplamente o problema e apresentar uma solução amadurecida para a questão, de vez que os estudos feitos até agora processaram somente no Ministério do Trabalho e na Câmara Federal sem o assessoramento dos órgãos representativos dos trabalhadores, que são os interessados diretos na fórmula de fixação do salário móvel no país;
- e) — Abono de Natal: — lutar pela conquista do abono de Natal, na forma de um mês de salário

#### Liberdade e autonomia sindical

Lutar para que o Parlamento Nacional ratifique a convenção 87 da OIT.

### TRABALHADORES APROVAM

## FRENTE SINDICAL-PARLAMENTAR SERÁ RATIFICADA EM BRASÍLIA

Os dirigentes sindicais de todo o país, reunidos no II Encontro de Belo Horizonte, autorizaram, em nome dos trabalhadores brasileiros, a assinatura de um termo de compromisso com os líderes das bancadas na Câmara e no Senado Federal, visando a constituição da frente sindical-parlamentar. Uma comissão de dirigentes sindicais irá a Brasília, no dia 30 do corrente, para assinar o referido termo, cujo projeto, aprovado no II Encontro, é o seguinte:

### Térmo de compromisso firmado entre o Movimento Sindical Brasileiro e os líderes de bancadas na Câmara e Senado Federal

O II Encontro Fraternal de Dirigentes Sindicais Brasileiros, realizado na cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, nos dias 20 e 21 de maio de 1961, com a participação

reunião da OIT que firmou esse princípio aprovado pela delegação brasileira a esse organismo internacional em 1948. A ratificação dessa convenção ensejara o estudo e a instituição do contrato coletivo de trabalho.

#### Direito de greve

Lutar pela aprovação, no Senado Federal, do Projeto que regulamenta o direito de greve já aprovado na Câmara Federal, de autoria inicial do deputado Aurélio Viana, com a emenda aprovada na I Conferência Nacional dos Trabalhadores, revogando-se assim o Dec-Lei 9.070.

#### Lei de Inquilinato

Lutar pela aprovação da prorrogação da lei de Inquilinato no Congresso Nacional.

#### Imposto de Renda

Registrar como uma conquista parcial a aprovação pelo Parlamento da isenção do imposto de renda para os salários até Cr\$ 340.000,00 por ano e continuar sem esmorecimento a luta pela conquista de nova lei de imposto de renda que isente desse tributo os salários até cinco vezes o maior salário-mínimo no país.

#### Previdência Social

Manifestamo-nos, com veemência, contra quaisquer interferências especialmente políticas, em esfera da competência dos conselhos administrativos dos Institutos de Previdência, as quais, além de constituírem uma violação da autonomia daqueles órgãos, significam o ressurgimento de forças ocultas, prejudiciais aos interesses legítimos dos trabalhadores, interessados, apenas, no aproveitamento espúrio dos recursos da previdência social. Protestamos, do mesmo modo, contra as ameaças veiculadas pela imprensa, de violação de normas legais, com o esbulho dos mandatos outorgados aos representantes classistas na previdência, os quais representam a mais cara conquista daquele diploma legal. Por outro lado, exigimos dos colegas que executem imediatamente os dispositivos legais, principalmente os que dizem respeito ao reajuste dos benefícios devidos aos segurados.

Exigimos integral respeito à Lei Orgânica da Previdência Social, cuja alteração só deve ser tentada, mesmo para melhorá-la, após período razoável de experimentação prática. Eis por que se faz imperioso revogar as normas contidas no ofício DNPS/DC 1.331, de 23-3-61, bem como reformar o Art. 228 inciso VI, do regulamento geral da LOPS, por colidir com o que preceitua o Art. 69, alínea C da Lei.

Pronunciemo-nos contra a pretendida criação de um "Instituto Nacional de Habitação", para o qual seriam carreados os recursos dos IAPs destinados a auxiliar a solução do problema habitacional, e que teria por fina-

lidade, também, financiar governos, entidades privadas, etc. Essas verbas melhor poderão ser usadas através das carteiras imobiliárias dos Institutos existentes, com o que se poderia, também, atender a peculiaridades das diversas categorias. Esta, aliás, é posição antiga dos trabalhadores, que, através de intensa luta junto aos parlamentares, expurgaram dispositivo idêntico que existia no Projeto de Lei prevendo a criação do Instituto da Casa Popular.

Do mesmo modo, embora sejamos favoráveis à paulatina unificação dos serviços de assistência médica, a partir da periferia e dos pequenos centros, somos inteiramente contrários ao seu afastamento do controle dos IAPs, com sua transferência para a jurisdição do Ministério da Saúde, como alguns pretendem.

Ao final, advertimos aos trabalhadores que grande parte do entrave à dinamização dos Institutos de Previdência reside na morosidade com que vêm sendo tratadas as questões pelo DNPS, razão por que se faz indispensável lutar junto a aquele órgão, de modo especial por intermédio dos nossos representantes Dante Pelacani e Alfredo Pereira Nunes, a fim de que seja acelerado o andamento dos assuntos no âmbito de sua competência.

#### Reforma Agrária

Lutar por uma lei de reforma agrária que deverá conter precipuamente:

- a) — tributação progressiva em relação à área, de forma que quanto maior a propriedade e menor a área utilizada, maior seja o tributo;
- b) — desapropriação, pelo valor histórico das propriedades rurais próximas aos meios de transportes e centros urbanos que não estejam sendo totalmente plantadas, entregando-as, em seguida, aos que queiram cultivá-las sob o regime de cooperativas de produção;
- c) — legislação trabalhista e previdenciária para o trabalhador do campo;
- d) — criação, nas regiões onde se promover a reforma dos sistemas de assistência técnica e mecanizada, em ajuda às cooperativas de produção, as pequenas e médias propriedades;
- e) — fazer do governo o principal comprador dos produtos agrícolas necessários à população, construindo redes de silos e armazéns, bem como os supermercados do governo nos grandes centros urbanos, com finalidade de vender diretamente ao consumidor;
- f) — manter as grandes propriedades exploradas de forma moderna, em extensão e intensidade, estabelecendo também para elas o governo como principal comprador;
- g) — adotar os mesmos critérios acima enumerados em relação às terras da União, Estados e Municípios;
- h) — aplicar o exemplo da organização da agricultura em Brasília, como caminho para modificar a estrutura agrária do nosso país. Esse exemplo tem, como princípio, a cessão, pela União, de terra ao lavrador, por determinado tempo, cobrando-lhe uma pequena taxa e reservando-se o direito de fiscalizar a justa utilização da terra, que não passará, jamais, às mãos do lavrador, isto é, a terra sempre pertencerá à União. Essas idéias, em geral, estão contidas nos projetos dos deputados Coutinho Cavalcanti, Nestor Duarte, José de Castro e nos estudos da Comissão Nacional de Política Agrária, sem falarmos em cerca de 200 projetos sobre reforma agrária apresentados ao congresso nacional entre 1946 e 1958.

#### Remessa de lucros

Lutar pela aprovação do projeto de Lei do deputado Sérgio Magalhães, que estabelece a limitação da remessa de lucros das empresas estrangeiras para o exterior.

#### Lei antitruste

Lutar por uma lei antitruste que tenha como princípio fundamental dar ao Estado poder para intervir e confiscar as propriedades das pessoas físicas e jurídicas que transgridam os interesses nacionais e do povo em geral.

#### Relações com todos os países.

Na conjuntura econômica, social e política que atravessa o mundo interessa ao Brasil adotar uma política de inteira independência, tanto na ONU como nas reuniões internacionais das quais participa, defendendo o princípio de autodeterminação dos povos, o respeito à Carta dos Direitos do Homem e mantendo uma política de relações econômicas, políticas e sociais com to-

dos os povos que corresponda aos legítimos interesses nacionais.

#### Imposto Sindical

Somos pela conservação do imposto sindical e pela eliminação do Fundo Social Sindical, revertendo os 20% a esse fundo destinados em favor das entidades sindicais.

São essas, em síntese, as reivindicações pelas quais devem os trabalhadores do Brasil mobilizar-se no sentido de conseguí-las dentro do menor prazo possível. Para esse fim entendemo-nos como um dos fatores fundamentais uma ação conjunta entre os trabalhadores e suas entidades sindicais com os membros do Congresso Nacional.

Os trabalhadores brasileiros, ora reunidos neste encontro sindical de Belo Horizonte, manifestam a sua firme decisão de lutar por uma organização sindical que lhes possibilite a consecução rápida de todas essas reivindicações e reafirmam sua unidade e seu propósito de continuar lutando por todas as demais resoluções aprovadas no III Congresso Nacional e no I Encontro de Dirigentes Sindicais realizado em São Paulo, bem como lutar pela soberania e independência de nossa Pátria, pela execução de uma política externa independente e de Paz, de desarmamento e de profundo respeito à luta emancipadora dos povos que se libertam do colonialismo, da opressão imperialista, do atraso e do subdesenvolvimento.

Belo Horizonte, 20 e 21 de maio de 1961.

### MANIFESTO AOS TRABALHADORES

## Apoio Total à Revolução Cubana Decidem os Líderes Sindicais

O respeito ao princípio de autodeterminação dos povos e, em particular, o apoio entusiástico à revolução dos trabalhadores e do povo cubano, chefiada por Fidel Castro, foi uma constante nos pronunciamentos dos líderes sindicais e grande parte das autoridades que participaram do II Encontro, em Belo Horizonte. No manifesto dirigido aos trabalhadores de todo o Brasil, conclamando-os à ação unida em defesa das suas reivindicações, os líderes sindicais dão ênfase à necessidade de se apoiar a política externa de relações com todos os povos do mundo e de respeito à autodeterminação do povo de Cuba. Eis a íntegra do manifesto, lido pelo líder sindical mineiro Sivalva Bambirra, sob os aplausos calorosos de mais de três mil trabalhadores que lotavam o auditório da Secretaria de Educação do Estado:

### "Ação, unidade e organização para a conquista de nossas reivindicações e direitos Aos trabalhadores e as organizações sindicais"

Os trabalhadores do Brasil, reunidos na cidade de Belo Horizonte, no II Encontro Sindical Nacional, realizado nos dias 20 e 21 de maio, por vontade unânime de todos os seus participantes, aprovaram um plano de ação comum em defesa de suas reivindicações e direitos e de conquista de seu bem-estar. Ação comum para tornar vitoriosos os reajustamentos salariais, para a imediata revisão dos níveis atuais de salário mínimo e estabelecimento do salário profissional. Só assim, unidos e mobilizados, poderemos fazer face ao alto custo de vida, agravado, ultimamente, com as consequências da Instrução 204.

Ação comum, com todo o povo, para combater a exploração desenfreada que leva a miséria aos lares dos que vivem do salário.

Ação comum, em apoio aos parlamentares, para aprovar, imediatamente, as leis antitruste e de limitação da remessa de lucros para o estrangeiro, para coibir o abuso, a exploração e a espoliação do nosso povo e de nosso país. Lels de reforma agrária, que defendam e dê garantias aos trabalhadores do campo.

Ação comum, para que o Parlamento aprove, imediatamente, a lei do inquilinato e a regulamentação do exercício do direito de greve, de acordo com o projeto da Câmara dos Deputados, e para reclamar a revogação do reacionário decreto-lei 9.070, código de perseguição e castigo.



Banquete aos líderes

O prefeito de Belo Horizonte Amintas de Barros, ofereceu um banquete aos delegados sindicais presentes ao II Encontro Nacional Sindical, que se reuniram na Churrascaria Campanes, em grande festa de confraternização.

Ação comum para defender as conquistas da Previdência Social, contra qualquer intervenção em seus órgãos nos cumprimentos sem demora dos novos beneficiários.

Ação comum em defesa das liberdades democráticas e sindicais. Defesa intransigente do direito de greve, para todos os trabalhadores, das empresas particulares e dos servidores públicos do Estado. Não permitir que se consumam as ameaças de repressão já anunciadas, contra os que reclamam o cumprimento de leis e dos que lutam por melhores condições de vida.

Ação comum em apoio à política externa do governo, de relações com todas as nações do mundo, em defesa da autodeterminação de todas as nações que lutam por sua libertação. Contra as forças reacionárias que se erguem para fazer retroceder o governo neste justo caminho. Novas e mais vigorosas ações em defesa do povo de Cuba, que está realizando uma profunda luta pela reforma social de sua pátria.

Ação comum, trabalhadores, em nossos locais de trabalho, significa UNIDADE.

Ação comum, em nossas organizações sindicais, é fator da UNIDADE. Solidariedade indispensável em todos os momentos de uma organização sindical a outra, de uma categoria profissional a seus irmãos de trabalho e entre os trabalhadores.

#### Trabalhadores

Levar essas resoluções às assembleias sindicais e reuniões nos locais de trabalho. Novos trabalhadores nos sindicatos, reforçando sua organização, seu valor, sua força. As vitórias, as conquistas, dependem, fundamentalmente, da atuação de cada organismo sindical e de cada trabalhador.

Isto é o que decidimos em Belo Horizonte. As nossas resoluções serão uma realidade pela ação comum e pela unidade dos trabalhadores. Belo Horizonte, 20 e 21 de maio de 1961.

## «DEDO DURO» DA EMBAIXADA IANQUE ANOTAVA

— "Sentimo-nos satisfeitos por este belo espetáculo de unidade dos trabalhadores brasileiros que se realiza em nosso Estado" declarou o governador Magalhães Pinto, no discurso que pronunciou na solenidade de encerramento do II Encontro Sindical Nacional, realizado durante os dias 20 e 21 do corrente, em Belo Horizonte, com a participação de mais de 500 líderes sindicais, representando trabalhadores de todas as categorias profissionais de 17 Estados.

#### Personalidades presentes

Cerca de 3 mil pessoas lotaram completamente o amplo auditório da Secretaria de Saúde do Estado, onde se realizou a sessão de encerramento do conclave, que constituiu um dos mais importantes e significativos acontecimentos na luta pela unidade dos trabalhadores do Brasil. Ao ato compareceram, além do governador Magalhães Pinto, o vice-presidente da República, sr. João Goulart; o Ministro do Trabalho, sr. Castro Neves; o prefeito de Belo Horizonte, sr. Amintas de Barros; o secretário de Trabalho do Estado; o senador Nogueira da Gama; o padre Geraldo Drumont; os deputados federais Almino Afonso, Aarão Steinbruch, Bento Gonçalves e Santiago Dantas; o deputado estadual Hernani Mala; os representantes das Centrais Únicas dos Trabalhadores do Uruguai e do Chile, srs. Luis Igúni e Julio Benite Castilho e inúmeras outras autoridades e líderes sindicais.

#### O "dedo duro"

Presididas pelo líder sindical Clodismit Riani, vice-presidente da CNTI, as sessões do II Encontro, realizadas no auditório da Secretaria de Saúde, caracterizaram-se pelo espírito de unidade entre os dirigentes sindicais de todo o país, revelado através de um debate amplamente democrático. "Tão democrático é o nosso conclave — disse um dos delegados, apontando o repórter o adido trabalhista do Consulado Ianque em Belo Horizonte, que anotava, sem cessar, os discursos de todos os oradores — que até "um dedo duro" da Embaixada Americana dele pode participar."

#### As delegações

Apesar da ação desesperada dos srs. Declecliano de Hollanda Calvancanti e Ary Campista, da CNTI, para torpedear a realização e impedir o êxito do II Encontro, compareceram a Belo Horizonte os mais autênticos líderes sindicais de todo o País. A maioria da própria diretoria da CNTI encontrava-se no conclave, nas pessoas de Clodismit Riani, Heracy Wagner e Daniel Soares. O outro diretor, Francisco Flácio por se encontrar doente, mandou uma carta a Riani justificando sua ausência no Encontro, mas empenhando-lhe sua solidariedade.

A delegação de São Paulo, composta de 145 dirigentes de 84 entidades sindicais, representava o Conselho Sindical do Estado, que congrega a grande maioria das organizações dos trabalhadores do Estado.

Do Estado da Guanabara foi uma delegação de 72 dirigentes de 30 entidades sindicais, inclusive o representante da Confederação Nacional dos Bancários e das Federações dos Estivadores, dos Gráficos, dos Ferroviários, dos Radiotelegrafistas, do Comércio Armazenador, assim como da Federação dos Bancários, dos Metalúrgicos, do Vestuário, dos Professores, da União dos Portuários do Brasil e de associações de servidores públicos.

A delegação de Minas Gerais, composta de 64 líderes, representava a Comissão Executiva do IV Congresso Estadual, que congrega a totalidade dos trabalhadores mineiros. Do Estado do Rio foram 62 representantes, oriundos de 12 municípios, fazendo parte da delegação fluminense o sr. Daniel Soares, diretor da CNTI e delegado dessa Confederação no Estado do Rio. Também estavam representadas as Federações dos Metalúrgicos, da Indústria de Alimentação, da Indústria do Mobiliário e da Federação dos Lavradores. Do Espírito Santo, representando o Conselho Sindical do Estado, estiveram presentes 32 líderes sindicais.

#### Outras delegações

As delegações dos Estados mais longínquos, cujo preço de passagem por pessoa situa-se em torno de 30 mil cruzeiros, também eram das mais expressivas. Do R. G. do Norte vieram seis delegados; de Santa Catarina, 23; de Pernambuco, três; da Bahia, 25, representando a Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Estado; do Ceará, 2; do Pará, 2; do Paraná, 10; da Paraíba, 2; de Brasília, 6; e 10 do Rio Grande do Sul, representando o Conselho Sindical do Estado, que reúne todas as entidades sindicais gaúchas.

O número de líderes sindicais presentes ao II Encontro Sindical Nacional foi quase duplicado em relação ao I Encontro realizado em São Paulo.

#### As resoluções

Contando com a participação efetiva dos mais autênticos dirigentes sindicais de todo o país, o II Encontro realizou-se num ambiente de entusiasmo. Não houve incidentes a registrar. Os provocadores, os agentes do divisionismo, se lá compareceram, não encontraram ambiente para a sua anti-operária. As proposições, após submetidas ao debate franco e democrático, foram todas elas, aprovadas por unanimidade. Algumas delas, que os líderes encontraram nas páginas desta edição,



Viúvas participam

A Associação das Viúvas de Minas Gerais, que conta com 4.200 sócias, funcionando há oito anos, congrega as viúvas de operários e lavradores, tendo como principal finalidade a luta pela assistência do governo e dos Institutos de aposentadoria e pensões às famílias dos trabalhadores falecidos. A sua delegação foi a primeira a chegar para a sessão de encerramento do Encontro

**NOVOS RUMOS**

Diretor  
Mário Alves

Diretor Executivo  
Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe  
Fragmon Borges

Secretário  
Lulz Fernando Cardoso

Gerente  
Guttemberg Cavalcanti

Redatores

Renato Arena, Paulo Motta Lima,  
Nilson Azevedo, Fausto Cupertino,  
Rui Facó, Solon Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1719 — Tel: 42-7344  
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/965  
SUCURSAL DE S. PAULO  
Rua 15 de Novembro, 228  
8.º andar — 8/827  
Tel: 37-52 64  
Endereço telegráfico — "NOVOS RUMOS"

ASSINATURAS

Annual	Cr\$ 500,00
Semestral	250,00
Trimestral	130,00
Aérea anual, mais	200,00
Aérea semestral, mais	100,00
Aérea trimestral, mais	50,00
Número avulso	10,00
Número atrasado	10,00

# Arinos Confessa: Tratados lanques Ferem a Nossa Independência

Em suas últimas entrevistas, depois do discurso recentemente pronunciado na Comissão de Relações Exteriores da Câmara Federal, o ministro do Exterior, sr. Afonso Arinos, pôde deixar mais clara a orientação seguida pelo atual governo em sua política externa, particularmente no que se refere ao restabelecimento de relações com os países socialistas e à atitude em face de Cuba. Nessas pronunciamentos revelaram-se com mais nitidez tanto o que há de positivo nessa política como as suas contradições e duplicidades.

Fêz questão o sr. Afonso Arinos de ressaltar que o sr. Jânio Quadros não estava realizando nem pretendia realizar nenhuma «revolução», mas apenas procurava pôr em prática uma política exterior que servisse «à própria sobrevivência do país e à continuidade de nosso desenvolvimento econômico». Esse é o sentido da regularização de nossas relações com a URSS e demais países socialistas: precisamos, vitalmente, vender-lhes os nossos produtos, já que não é possível aumentar as suas vendas nos mercados tradicionais. Oferecendo dados irrefutáveis sobre as vantagens que podem ser obtidas pelo Brasil através de um amplo comércio com aqueles países, o sr. Arinos — referindo-se indiretamente a jornais como «O Globo» e o «Estado de São Paulo» e a políticos como o sr. Carlos Lacerda — criticou com veemência o obscurantismo e a leviandade dos que fazem críticas sem conhecer a realidade e por todo lado vêm fantasmas.

«Não nos afastaremos dessa linha, certos de ser a que mais convém ao Brasil», afirmou o sr. Arinos.

## Autodeterminação

Outro aspecto das entrevistas do sr. Arinos é o que concerne à defesa do princípio de autodeterminação, especialmente em relação a Cuba. Embora negando-se a reconhecer a criminosa agressão militar lançada pelo imperialismo norte-americano contra Cuba, o ministro do Exterior insistiu em afirmar que o governo brasileiro é contrário a toda intervenção maquele

país irmão, qualquer que seja o pretexto que se pretenda usar.

«Mesmo que se considere Cuba um país comunista não se pode justificar a intervenção. Nesse caso, cumprindo compromissos internacionais, o governo brasileiro não reconheceria o regime cubano, mas não poderia por outro lado, aceitar a intervenção».

## Compromissos inaceitáveis

Mencionou o sr. Arinos a existência desses «compromissos internacionais» para tentar esclarecer a contradição em que se encontra o Brasil: trata relações com os países socialistas da Europa e da Ásia considerando que essa medida é exigida pelos interesses nacionais, mas admite a possibilidade de romper relações com um país socialista pelo fato de pertencer ele ao Continente americano.

Isso nada justifica, evidentemente. Ao contrário: a declaração feita pelo sr. Afonso Arinos serve apenas para mostrar o conteúdo profundamente antinacional de «compromissos» como o tratado do Rio de Janeiro, a Ata de Bogotá ou as resoluções de Costa Rica, ditados e impostos pelo governo norte-americano e contrários aos interesses de todos os demais países do Continente. Ora, se esses «compromissos» podem levar-nos a romper com um país irmão da

América na hipótese de ser ele socialista, e se, por outro lado, o próprio ministro reconhece e proclama que a normalização de relações com os Estados do campo socialista constitui uma medida ligada à própria sobrevivência de nossa economia, não há outra conclusão possível: a existência daqueles «compromissos» fere os nossos mais altos interesses, impede a realização de uma política realmente independente (a que mais convém ao Brasil), como declarou o próprio sr. Arinos e, portanto, têm que ser denunciados e postos de lado.

Como se vê, é o próprio governo que dá os argumentos, é o próprio Itamarati, através da palavra do seu ministro, que confessa a existência de acordos lesivos aos nossos interesses (os acordos que formam o chamado «sistema interamericano») e, ao fazê-lo, admite expressamente que enquanto semelhantes tratados imperialistas subsistirem ninguém poderá falar em verdadeira independência no terreno da política exterior. Afinal, que independência é essa que nos força a ter em relação à América uma política onesta à que se anuncia quanto à Europa e à Ásia e, confessadamente, prejudicial à nossa expansão econômica? Por que, então, manter obediência a esses tratados, quando os interesses nacionais, segundo se depreende das afirmações do próprio ministro Afonso Arinos, exigem a sua de-

núncia e o seu repúdio. Não é claro que tais acordos são impostos pelo Departamento de Estado norte-americano e podem beneficiar unicamente os monopólios e os trustes dos Estados Unidos — esses mesmos monopólios que, através do governo de Kennedy, armaram, financiaram e sustentaram a fracassada invasão de Cuba?

O presidente Jânio Quadros e o ministro Afonso Arinos insistem, porém, em rotular de «independente» a sua política exterior. Claro, existem nela relevantes aspectos positivos: as medidas no sentido da normalização de relações com a URSS, a China e outros países socialistas e a defesa da autodeterminação, particularmente no caso de Cuba. Mas quando é o próprio ministro do Exterior que reconhece que a subordinação a «compromissos» que ferem os interesses nacionais, então a alegada independência desaparece.

A luta pela denúncia de instrumentos colonialistas como o Tratado do Rio de Janeiro e pela recusa do Brasil em assinar acordos desse tipo vem sendo travada há muitos anos pelo povo brasileiro e por todos os patriotas que reclamam uma política verdadeiramente independente. Certamente sem querer fazê-lo, o ministro Afonso Arinos acaba de reconhecer o caráter antinacional desses tratados, embora se manifeste submisso em relação a eles.



Confissão de ministro

Sem querer, o ministro Afonso Arinos confessou em sua última entrevista: os acordos resultantes do chamado «sistema interamericano» impedem ao Brasil pôr em prática uma política exterior de fato independente.

## JANGO DESMASCARA OS DIVISIONISTAS DA CNTI E DEFENDE O POVO CUBANO

Ao congratular-se com as resoluções do II Encontro dos Dirigentes Sindicais, o vice-presidente João Goulart referiu-se a uma nota distribuída pela imprensa pelo presidente da CNTI, e disse textualmente, o seguinte: «Dirigentes que não representam os interesses da classe operária, mas interesses inconfessáveis, querem dividir o movimento operário, servindo-se de suas entidades para emprestar apoio a movimentos da reação, visando a subversão das liberdades em nossa pátria a serviço de grupos e de potências estrangeiras».

A declaração foi feita em discurso no banquete que o prefeito de Belo Horizonte, sr. Amintas de Barros, ofereceu aos 500 líderes sindicais brasileiros, na Churrascaria Camponesa,

e ao qual, além do Prefeito, compareceram o secretário do Trabalho da República, os deputados Santiago Dantas e Almino Afonso e outras autoridades.

Depois de lamentar o conteúdo da nota da CNTI, «que tece considerações reacionárias e propostas divisionistas em relação ao II Encontro», o sr. João Goulart salientou que ali, em Belo Horizonte, a classe operária estava representada pelos seus autênticos líderes.

Referindo-se a Cuba, disse o sr. João Goulart, sob os aplausos dos dirigentes sindicais, que se puseram de pé: «Defendamos o direito de autodeterminação para Cuba. Que o Governo se defina, sem mais palavras, nesse sentido. Que Cuba tenha o Governo que quiser ter».

## GOVERNADOR DO RIO GRANDE DO NORTE A NR:

# «SOU PELA LEGALIDADE DO PCB»

A reportagem de NOVOS RUMOS esteve presente à visita feita recentemente ao governador do Rio Grande do Norte, sr. Aloísio Alves, pelo dirigente comunista dr. Vulpiano Cavalcanti e o líder sindical José Alves Cavalcanti, presidente do Conselho Sindical dos Trabalhadores daquele Estado do Nordeste. O governador recebeu os visitantes em sua residência, em Natal, e com eles manteve animada palestra em torno de questões relacionadas com a realização da sua plataforma de governo. O sr. Aloísio Alves reafirmou que o cumprimento de pontos fundamentais desse programa, que o levou à governança do Estado com o apoio de ampla coligação de forças nacionalistas e democráticas do Rio Grande do Norte, implica na aprovação do Plano da SUDENE e na liberação das verbas respectivas.

«O meu programa é um programa dentro do Plano da SUDENE», disse. «O desenvolvimento econômico e o progresso do Rio Grande do Norte são parte integrante do problema geral do Nordeste. Venho fazendo os maiores esforços para que o plano da SUDENE seja logo aprovado».

O dr. Vulpiano e José Alves referiram-se ao tremendo agravamento do custo de vida que sucedeu à entrada em vigor da Instrução 204, da SUMOC. Cresce, com

plena razão, o descontentamento popular e tende a envolver o próprio governo do Estado se este, em cumprimento ao seu programa, não toma as medidas imediatas que lhe são possíveis contra a tremenda carestia de vida. É necessário, em particular, pôr em prática medidas de reforma agrária e enfrentar o problema da campanha Força e Luz (Bond and Share).

José Alves mostra a importância, dada a situação, de ser logo organizada a Assessoria Operária junto ao governo, em cumprimento ao que ficou estabelecido no encontro dos dirigentes sindicais do Estado com o governador. Isso ajudaria o governo na adoção e realização de medidas práticas de interesse popular.

Sobre a Instrução 204, o governador Aloísio Alves declarou:

«O tempo considerável que me tem sido tomado pelo estudo da solução de problemas do Estado, inclusive o da reforma agrária e o da Força e Luz, não me permitiu até agora estudar a fundo a Instrução 204. Do ponto-de-vista das leis do que se chama «capitalismo clássico», parece-me que a Instrução está certa. Resta saber se ela é certa para as condições reais da economia do Brasil. Salvo melhor juízo, parece-me que ela não pode ser aplicada, entre nós,

até ao fim, em todas as suas implicações. De qualquer modo, como governador do Rio Grande do Norte, só posso apoiar uma política econômico-financeira que, em primeiro lugar, assegure o desenvolvimento econômico de meu Estado e do Nordeste».

No curso da conversação, como era inevitável, foi abordada a candente questão cubana.

«Sou, intrinsecamente, pelo integral respeito à autodeterminação dos povos», afirmou o sr. Aloísio Alves.

Na sala ao lado, eram muitas as pessoas que aguardavam o momento de entrevistar-se com o governador potiguar, que no dia seguinte deveria embarcar cedo para Brasília, para participar de uma reunião com o Conselho da SUDENE e outros governadores nordestinos. A visita devia terminar. Já à despedida, nossa reportagem pediu ao governador uma palavra com relação à legalidade do Partido Comunista.

«Como todos devem lembrar-se, manifestei-me firmemente, à época, contra o fechamento do Partido Comunista do Brasil. Na Câmara dos Deputados, falei e votei contra a cassação dos mandatos dos parlamentares eleitos na legenda desse Partido. Coerente com essas posições, mantenho a minha opinião de sempre: sou pela legalidade do Partido Comunista».

## COMUNISTAS GOIANOS DIRIGEM-SE AO POVO:

# NEM JK NEM ESTELITA: VOTAR EM BRANCO

Goianã, maio (do Correspondente) — Definindo sua posição frente às candidaturas dos srs. Juscelino Kubitschek e Wagner Estelita ao Senado Federal, os comunistas de Goiás divulgaram o seguinte manifesto:

«Os comunistas de Goiás dirigem-se aos trabalhadores, aos camponeses e a todos os cidadãos a fim de expor a posição que assumem diante das eleições de 4 de junho e das candidaturas apresentadas ao pleito».

Desde os primeiros momentos da campanha eleitoral, as cúpulas partidárias de nosso Estado pretendem dar-lhe o caráter de uma escolha unânime do sr. Juscelino Kubitschek para o Senado Federal. Com essa solução não podem concordar os trabalhadores e o povo, tendo em vista o que foi o governo do sr. Kubitschek e as palavras com que se apresenta agora ao eleitorado goiano.

Quando se encontrava no poder, o ex-presidente da República realizou, fundamentalmente, uma política de submissão ao imperialismo norte-americano, ao latifúndio e às forças reacionárias. Sua chamada política «desenvolvimentista» não se baseou em soluções nacionalistas, mas na atração de capital dos monopólios estrangeiros, cujas inversões deformam profundamente o processo de industrialização do país. As emissões inflacionárias de papel moeda elevaram brutalmente o custo de vida, enriquecendo uma minoria privilegiada e reduzi-

ram o salário real dos trabalhadores, lançando sobre as massas o peso de enormes privações. Em sua política exterior, caracterizou-se pela obediência às imposições do Departamento de Estado norte-americano. Assinou tratados altamente lesivos à nação como o Acordo de Roboré e o ajuste sobre Fernando Noronha. Manteve estreita vinculação com ditaduras sanguinárias e odiadas pelos povos, como as de Stroessner, Salazar, Franco e Trujillo.

Preferindo agora o sr. Juscelino Kubitschek iludir o povo goiano com uma demagogia regionalista, como se pudesse ser benéfica a um Estado uma política que prejudicou, em seu conjunto, o povo brasileiro. Em sua propaganda, não há uma palavra sobre os verdadeiros problemas de nosso povo. Não há uma palavra sobre a questão da terra, sobre o conflito entre possesores e grileiros, sobre a reforma agrária — esperança das grandes massas camponesas que sofrem em Goiás a opressão do latifúndio. Nada diz em seus discursos vazios sobre a carestia de vida, sobre a reacionária Instrução 204 que elevou brutalmente os preços e sacrificou ainda mais as massas trabalhadoras. Não teve um gesto sequer de solidariedade à heróica Cuba de Fidel Castro, ameaçada em sua soberania pelo agressivo imperialismo norte-americano. Sua companhia vem sendo marcada pela corrupção, pelo abuso de honras e privilégios em troca de simcasas, cartões

e outros recursos que repugnam à consciência cívica do povo goiano».

Tudo isso nos leva a declarar que a candidatura do sr. Kubitschek não merece o voto dos democratas, dos patriotas, de todos os cidadãos dignos de nossa terra».

De outro lado, não podemos aceitar como alternativa a essa candidatura o nome do sr. Wagner Estelita, que representa um agrupamento de forças políticas reacionárias de nosso Estado e pretende capitalizar para o campo do janicismo a oposição de numerosos eleitores goianos à solução juscelinista».

Impedidos de apresentar uma candidatura autenticamente popular e patriótica, os comunistas reafirmam neste momento a necessidade de legalização do Partido Comunista, cuja participação na vida política do país é uma exigência democrática inadiável».

A fim de fugir ao falso esquema que as cúpulas reacionárias dos partidos das classes dominantes pretendem criar nas eleições de 4 de junho, os comunistas conclamam o povo de Goiás a votar em branco».

Votar em branco não significa abstenção ou omissão. Significa reafirmar a disposição do povo goiano de lutar por um programa nacionalista e democrático, que os atuais candidatos não possuem. Votar em branco significa votar pelos interesses dos camponeses e dos trabalhadores, pelas aspirações de todos os patriotas que desejam um Brasil independente e progressista».

## «... FALA MOSCOU! FUNCIONAM TODAS RÁDIO-EMISSORAS... O PRIMEIRO HOMEM REALIZOU UMA VIAGEM CÔSMICA...»

Esta notícia, que se expandiu a 12 de abril de 1961 por todo o globo terrestre, emocionará durante muito tempo aos homens de nosso planeta.

A redação de «UNION SOVIÉTICA», atendendo ao desejo dos seus leitores, espalhados por mais de cem países, dedicará integralmente seu sexto número à conquista pacífica do espaço cósmico.

A revista se ocupará extensa e detalhadamente de como a ciência soviética preparou, passo a passo, a irrupção do homem nos espaços do Universo, de como transcorreu a via do soviético Yuri Gagarin na nave-Sputnik; do que proporcionou este voo à ciência e das perspectivas da penetração do homem na imensidão cósmica.

A revista «UNION SOVIÉTICA» tratará do recebimento do herói na Terra; ocupará-se de Yuri Gagarin, de sua vida, família e afecções, em uma página, de todos os aspectos deste grandioso acontecimento na história do progresso.

Todos os artigos estão profusamente ilustrados. Aguardem, pois, o sexto número (136) de «UNION SOVIÉTICA». Compreem nas bancas de jornais. Sem dívida a conservar como lembrança do triunfo da razão humana!

Se quiser reservar antecipadamente este número, ou recebê-lo em qualquer parte do Brasil pelo Reembolso Postal, dirija-se à AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL — Jurandir Guimarães — rua dos Estudantes, 84 — sala 28. São Paulo.

## CULTURA Y VIDA

Também a revista soviética CULTURA Y VIDA, número seis, de junho, é inteiramente dedicada ao primeiro voo do homem no cosmos. Além de todas as informações, escritas e fotográficas, trará artigos de destacados especialistas soviéticos sobre os resultados do voo.

## V. já ouviu falar nas «comunidades populares» chinesas?

Bem ou mal?

Conheça exatamente o seu significado, através do maravilhoso e bem documentado album:

## LA COMUNA POPULAR

Edição de Pequim, em castelhano. 198 fotos em cores e em preto. Concisos textos explicativos. Encadernados, com bellissima sobrecapa colorida. Apenas Cr\$ 300,00.

Também pode ser adquirido em língua inglesa. Este album é editado sob o patrocínio do Ministério da Agricultura da CHINA.

Agência Intercâmbio Cultural  
Rua dos Estudantes, 84 - sala 28

SÃO PAULO

Atendemos pelo Reembolso Postal.

## Nota Econômica A PETROBRÁS NÃO ESTÁ EM BOAS MÃOS

Quando o nome do sr. Geonísio Barroso foi indicado para a presidência da Petrobrás, chamamos a atenção para o fato de que jornais comprometidos com os interesses antinacionais na indústria petrolífera manifestavam-se jubilosos. Não poupavam elogios ao sr. Barroso, e não foi em outro sentido o pronunciamento do próprio New York Times. Como se se tivessem posto de acordo previamente, todos eles afirmavam que a nomeação do sr. Geonísio era uma «solução técnica» adotada pelo sr. Jânio Quadros, visando a retirar a Petrobrás do «clima emocional» em que se encontrava. Expressamos, na ocasião, nossa expectativa de que o sr. Barroso não fizesse jus a tão suspeitos elogios. Passados três meses, que se pode dizer?

Por solicitação da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre o problema do petróleo, o sr. Geonísio Barroso esteve em Brasília, onde prestou o seu depoimento. Mesmo sem levar em conta que sua primeira preocupação foi defender e justificar as infundadas palavras do sr. Jânio Quadros a respeito da Petrobrás («estava falida, quebrada»), coisa sabidamente inverídica, como o demonstraram diversos outros que depuseram ante a comissão, o depoimento do sr. Barroso foi bastante negativo. Deixou de responder a várias questões de interesse vital da Petrobrás, foi sumamente vago em outras e ainda em outras tomou uma posição incompatível com a sua condição de presidente da empresa estatal. Assim, por exemplo, nada justifica que o sr. Geonísio Barroso desconheça o fato de que a refinaria de Caruava está deixando ampliar suas instalações, mediante a compra de uma unidade de reforma catalítica e que, vitoriosa no Conselho Nacional do Petróleo pelo voto de desempate do então presidente, brigadeiro Fleiuss, tem agora sua pretensão na dependência de uma autorização do sr. Jânio Quadros, em virtude do então presidente da Petrobrás, general Sarlenberg, ter recorrido da decisão do CNP para a Presidência da República. Nada justifica que o sr. Geonísio ignore tal fato, de tanta importância para a empresa que se trata, sobretudo quando, segundo suas palavras, a nova e grande refinaria de Duque de Caxias deverá entrar em funcionamento dentro de três meses.

O sr. Geonísio Barroso, como um técnico frio, refra-

tário às emoções, que afirma ser, pode ter qualquer opinião individual sobre as refinarias particulares. Mas, como presidente da Petrobrás não se pode dar ao deplante de elogiar-las («Têm contribuído bem para a solução do problema...»), ainda mais quando, ao lado dessas palavras, não faz a menor referência às trampalingsas da refinaria de Capuava, por exemplo, que se esquia por todos os modos às suas obrigações legais em relação à Petrobrás, como o mostra de maneira convincente o relatório Geisel. Aliás, também este importante documento o sr. Barroso afirmou desconhecer...

Mesmo quando poderia ter sido prudente em relação ao problema da encampação das refinarias particulares — como o foi, por exemplo, o sr. Juscelino Marinho, em seu depoimento, um dia depois — o sr. Geonísio Barroso revelou-se um prestimoso defensor destas refinarias. Por quê? Em nome de quê? Com base em quê? Teria sido bom se o sr. Geonísio esclarecesse esta questão.

Outro ponto do depoimento do sr. Geonísio que não pode ser perdido de vista é aquele em que justifica a franquia dos arrendos da Petrobrás na Amazônia a técnicos norte-americanos. Ora, ninguém ignora que não existe obstáculo algum entre a Standard Oil e o governo de Washington. Da mesma forma que entre outros poderosos trustes inonnes e aquele governo. Dessa maneira, entregar informações pensosamente obtidas, durante tanto tempo e à custa de gastos tão elevados, durante tanto tempo e tranzeira que não tenha sua cabida em relação às nossas riquezas é absolutamente injustificável. Como deve ser lido qualificado senão como entremetido do mais caracterizado? Como se sabe, o diretor da Petrobrás que cometeu tal crime foi mesmo reconduzido, o que certamente não teria ocorrido se o sr. Geonísio Barroso tivesse interesse em onêrse a tal.

Não causa alento a quem se bateu pela constituição da Petrobrás, aos que lutam pela sua manutenção e que serão capazes de fazer sacrifícios para preservar a este depoimento do sr. Barroso. A Petrobrás não está em boas mãos.



CALOROSA RECEPÇÃO A PRESTES SUFOGOU A PROVOCAÇÃO REACIONÁRIA

# Aos Gritos de "Mata! Mata!" Padres Comandaram a Baderna Fascista no Rio Grande do Sul

**Teoria e Prática**

Existe ainda luta de classes, na República Popular da China?

(Resposta ao leitor Raul Lopes, de Sabará, Estado de Minas Gerais)

Seria falso acreditar que, sob a ditadura do proletariado, a luta de classes desaparece. Ao contrário. Ela toma formas novas e só se extingue com a nova consciência e as novas condições que abrem a era do comunismo.

Na URSS, no período da construção socialista, essas formas foram a repressão à resistência dos exploradores, a guerra civil, a luta pela transformação socialista da pequena economia camponesa, a luta por uma disciplina de trabalho, a luta pela utilização dos especialistas burgueses e contra a sabotagem. As novas condições de nossa época e a nova correlação de forças existente no mundo tornam mais difíceis, hoje, a intervenção militar e a guerra civil. Mesmo assim, a República Popular da China conheceu desde o início, a pressão militar dos imperialistas norte-americanos em suas fronteiras, na Coreia do Norte, e em seu próprio território, na ilha de Formosa.

Internamente, as novas formas de luta de classes tiveram início em 1949, com a passagem ao socialismo. Com apoio no Poder político e nas massas populares, o proletariado chinês expropriou o capital burocrático, criou um poderoso setor estatal socialista e fez com que este exercesse uma função dirigente em toda a economia nacional. A luta pela expropriação dos latifundiários termina em 1952 e a luta pela coletivização da agricultura torna-se 100% vitoriosa em 1956.

No entanto, a estrutura econômica e social continuava complexa, com seus três setores: o socialista, o capitalista e o privado. A marcha para a transformação socialista da indústria e do comércio capitalista e do artesanato faz-se, também, sob uma intensa luta de classes. Recorre-se ao capitalismo de Estado, à limitação e à transformação das empresas capitalistas. A expropriação da burguesia faz-se, assim, de forma paulatina mas tenaz e completa.

Com isso, porém, não ficam definitivamente superadas as contradições de classe entre o proletariado e a burguesia. Os capitalistas continuam a receber as percentagens estabelecidas em seu acordo com o Estado; continuam a participar da frente única e a dispor de posições políticas e direitos eleitorais. Sua ideologia, sua concepção do mundo, suas tradições, seus costumes continuam vivos em boa parte da população. Daí, a necessidade de completar a transformação socialista também na frente ideológica e na frente política, e de incorporar a essa luta as grandes massas do povo.

O princípio adotado, há pouco, nas ciências sociais e na literatura — isto é, "que desponham as 100 flores" — é bem uma expressão dessa luta, a preparação de novas condições para conduzi-la de forma ainda mais aberta, definida e resoluta.

Como diz Mao Tse-tung, "a luta de classe entre o proletariado e a burguesia continua sendo uma luta prolongada e complexa". Ela se faz com períodos de fluxo e refluxo, mas deve prolongar-se por todo o período de transição.

## SANTO ANDRÉ

### Prestes: "Fidel Castro Tem os Mesmos Traços de Honradez, Patriotismo e Bravura de Siqueira Campos"

Não se tinham passado ainda dois dias das provocações fascistas ocorridas no Rio Grande do Sul, na oportunidade em que ali esteve Prestes pronunciando conferências, e o líder comunista recebia consagradora manifestação de confiança, respeito e carinho da parte dos trabalhadores de Santo André.

#### No Sindicato dos Metalúrgicos

Acompanhado de dirigentes comunistas, Luiz Carlos Prestes chegou à hora marcada, sábado, ao Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, para discursar sobre a personalidade invulgar de Siqueira Campos, camarada de armas do conferencista nos dias da Coluna Invicta e do movimento do Forte de Copacabana.

#### Calorosamente recebido

Anunciada a sua presença, muitos de dois mil trabalhadores, cerca de dez acompanhados de mulheres e filhos, levantaram-se como um só homem, aplaudindo-o demoradamente. Prestes foi então abraçado por velhos companheiros de luta, muitos deles de cabelos brancos, e por jovens operários que se iniciam nas lutas contra a dominação imperialista e o latifúndio. Todos queriam apertar a mão do velho comandante, que mal chegado do Rio Grande do Sul, onde enfrentara a reação clerical-fascista, ali estava para levar aos trabalhadores a palavra dos comunistas, em uma festa cívica de profunda significação.

#### Fala Prestes

Com a palavra, Prestes iniciou seu discurso confessando-se em estado de profunda emoção, pois deveria falar sobre Siqueira Campos, seu companheiro

e amigo, «um homem honrado, altivo, generoso, de exemplar coragem e rara firmeza, um grande patriota, cujos traços de caráter eu vejo hoje na personalidade de Fidel Castro, o grande chefe da revolução cubana».

Situando a época que serviu de palco ao movimento dos «18 de Copacabana», em 1922, Prestes examinou os fatos marcantes ocorridos, o desenvolvimento das lutas operárias, o descontentamento da juventude militar, a miséria e o sofrimento das massas, que levaram a que um grupo de moços idealistas, das forças armadas, empunhasse armas em condições de gritante inferioridade contra o governo, menos com o objetivo de vitória, mas como um protesto contra a situação reinante. Siqueira Campos — destacou Prestes — foi o mais valeroso do Forte, aquele mais consequente, com todas as características de líder.

#### A Coluna

Prosseguindo o descontentamento, eclodiu o movimento de 1924. Ali Prestes conheceria mais de perto Siqueira Campos, sua bravura, seu idealismo, sua séria preocupação pela solução dos problemas do País. E narrou episódios, como aquele ocorrido quando João Alberto, derrotado já a Coluna e internado seus membros na Bolívia, admitiu a possibilidade de um entendimento com o governo, à base da rendição das tropas sem punição, e com a apreensão dos oficiais à prisão. Siqueira Campos — disse Prestes — repeliu imediatamente a proposta e na linguagem da Coluna disse: «Não somos canários-belas». Com isso Siqueira revelava seu espírito de luta, sua capacidade de resistir à adversidade, sua disposição de jamais capitular. Durante os tempos da

PORTO ALEGRE, maio (do correspondente) — «Eles estão em busca de um cadáver, de cadáver de uma criança. Um dia, esta desgraça poderá ocorrer, e eles usarão este cadáver como uma bandeira!» — as palavras e a advertência do vereador Alberto Schroeter, na Câmara de Porto Alegre, revelam o lado mais dramático porque sórdido dos graves acontecimentos que se registraram em Caxias, Passo Fundo e nesta capital, quando da presença de Luiz Carlos Prestes nessas cidades.

Preparados meticulosamente, planejadas como ações coordenadas dentro de um plano de agitação e subversão dos princípios democráticos que está sendo empreendido em escala nacional pelos históricos fascistas e aproveitadores da indústria do anticomunismo, as ocorrências registradas nos três municípios sul-rio-grandenses marcaram a ação criminoso e antinacional de certos setores do clero, dos padres e freiras das escolas religiosas que comandaram os badernos no Rio Grande do Sul, de armas na mão, instigando os jovens à violência e à depredação.

#### Comandando a arruação

Caxias seria o sinal para a ação. O líder comunista Luiz Carlos Prestes pronunciou, como de fato pronunciou, uma conferência no Cinema Central daquela cidade na noite do dia 15. Dias antes, sob a orientação do bispo da cidade, dom Benedito Zorzi, os padres e freiras nas igrejas e colégios católicos iniciaram a campanha para impedir o êxito da manifestação. Através de pregações nos pulpitos e de advertências lançadas utilizando os mais diversos meios, anunciavam que o «povo de Caxias não permitiria a presença do líder vermelho». Ao mesmo tempo que criavam esse clima psicológico, tomavam

as providências para a «ação prática»: nos corredores e nas salas de aula dos estabelecimentos católicos da cidade, padres e freiras, instigaram moças e rapazes a realizarem uma manifestação de protesto na Praça Ruy Barbosa, na noite da conferência, diante do cinema onde Prestes iria falar. A ação foi preparada meticulosamente e o seu objetivo central seria o de provocar um tumulto de tão vastas proporções que obrigasse à intervenção policial, como de fato ocorreu. Sabe-se, por exemplo, que na Escola Normal São José, as freiras instruíram os jovens para adentrem o recinto da conferência antes do início da mesma, para, no momento oportuno, promoverem manifestações «espontâneas» de protesto e provocarem assim uma reação do público presente. Isso, naturalmente, seria aproveitado depois como argumento para condenar os «bárbaros vermelhos» que «espancaram jovens moças que apenas manifestavam democraticamente seu repúdio ao comunismo». Essa parte do plano falhou, seja porque muitos jovens não se sentiram com coragem de levá-lo a cabo, seja porque, muitos pais, advertidos antecipadamente, impediram que suas filhas soissem de casa na noite da baderna.

«Morrat Mata! Mata!» — gritava o padre Eugênio Giordano, vereador em Caxias e conhecido como fascista. De boca na mão gritava historicamente aos jovens, apalando-os contra os homens da polícia militar que se encontravam à porta do cinema para impedir acontecimentos mais lamentáveis. As investidas se sucediam sob o comando do padre fascista. Crianças e jovens, que foram lançadas deliberadamente pelos diretores das escolas religiosas de Caxias à aventura terrorista (os diretores das escolas católicas suspenderam as

aulas para permitir a participação do maior número possível de jovens nas arruações), apalados ainda pelas ordens emanadas de um alto-falante instalado na Catedral diocesana, lançavam-se fanaticamente contra os policiais. A polícia respondeu com violência ao terror: o saldo de feridos foi grande, mais de 30, entre eles 11 soldados atingidos por pedradas e pauladas. Os bancos da Praça Ruy Barbosa foram destruídos e durante a manifestação foram vistos vários prelados empunhando cacetes no meio da massa de jovens. A fachada do cinema foi destruída. Pedradas e pauladas estilhaçaram vidros e quebraram cartazes. Alguns jovens e crianças receberam ferimentos mais sérios.

Apesar disso, entretanto, a conferência de Prestes realizou-se com inteiro êxito. Grande multidão compareceu ao Cinema Central, lotando-o inteiramente. Enquanto o histórico padre Giordano e outros padres estrangeiros — principalmente espanhóis e italianos — praticavam os mais violentos atos de barbárie jamais registrados em Caxias, o líder comunista definia na conferência o porque do desespero do clero fascista, desespero que os levava a jogar crianças inocentes na fogueira de acontecimentos que poderiam ter originado uma tragédia de proporções inimagináveis. «Eles estão desesperados por que a terra lhes foge aos pés» — disse Prestes. Os reacionários sentem-se cada vez mais isolados diante do avanço constante das forças do progresso e da democracia. Por isso recorrem a atos desse tipo.

Os trabalhadores de Caxias não participaram da manifestação de terror fascista. Antes da conferência, Prestes visitou a sede única dos 9 sindicatos de trabalhadores de Caxias, sendo recebido por grande número de operários e dirigentes de todos os sindicatos. Nessa ocasião, eles manifestaram sua profunda disposição de defender os interesses da democracia e do povo brasileiro contra todas as provocações.

#### Ainda o padre Giordano

Passo Fundo foi a segunda etapa. Os acontecimentos ali registrados revelam a natureza exata das manifestações de Caxias, o que estava por trás delas. Tudo foi coordenado e organizado meticulosamente. No dia em que Prestes chegou a Passo Fundo, o padre Giordano — ainda ele — a principal figura dos acontecimentos de Caxias, enviava um telegrama aos estudantes das escolas católicas daquela cidade em que, após ressaltar o feito glorioso dos estudantes de Caxias (?), apelava para que o mesmo se repetisse em Passo Fundo. «Desejamos — disse ele textualmente — que isso se repita em Passo Fundo».

As manifestações revelaram também o isolamento dos fascistas e reacionários. Prestes, durante sua estada em Passo Fundo, visitou o prefeito, foi recebido na Câmara Municipal e se entrevistou longamente com o vice-diretor, professores e estudantes da Faculdade de Direito daquela cidade. Foi recebido também na sede do Grêmio da Escola de Economia de Passo Fundo, quando os estudantes lhe manifestaram o desejo de poderem visitar a União Soviética logo após se formarem. Tanto em Caxias como em Passo Fundo, pelo que se verifica pelos fatos aqui narrados, só participaram da baderna estudantes de escolas católicas, padres e alguns elementos reacionários. Entre os partidos políticos, apenas o PRP (Integralista) e alguns diretores do PDC se aliam aos provocadores.

Enquanto os sinos das igrejas dobravam a finados, Prestes falava ao povo no Altar da Pátria, em Passo Fundo. Nas proximidades do local onde se realizava o comício, os fanáticos realizavam demonstrações do mesmo tipo das verificadas em Caxias. Dessa vez a polícia apenas se limitou a conter a onda dos fanáticos, procurando apenas se defender da chuva de pedras e das bombas cabeça-de-negro lançadas pelos manifestantes. Mais uma vez os padres estiveram à frente da manifestação, apalando os jovens e crianças contra a polícia. Parecia mesmo, pelo ardor com que eles instigavam os jovens a se lançar contra os soldados, que esperavam uma reação que pudesse lhes proporcionar aquele «mártir» ao qual nos referimos no início dessa reportagem.

#### Homenagem dos trabalhadores

Em Santa Maria, os acontecimentos se repetiram em escala mais reduzida. Os trabalhadores da cidade-ferroviária prestaram entusiástica manifestação a Prestes, atemorizados dessa vez os fanáticos que preparavam uma nova ofensiva — melhorada, diziam eles — da

baderna. Um grande churrasco foi oferecido a Prestes na sede da Cooperativa dos ferroviários, ao qual compareceram mais de 1.500 pessoas. O líder comunista foi saudado, durante a manifestação, pelo jurista Mena Barreto, que exaltou a sua condição de patriota honrado e denunciou violentamente as arruações provocadas pelos setores do clero mais desesperado com o avanço da luta antilimperialista em todo o mundo e, agora, na América Latina, onde a pequenina Cuba enfrenta o colosso imperialista ianque. Prestes depois falou longamente sobre a atual situação política nacional e internacional, advertindo que os acontecimentos verificadas em Caxias e Passo Fundo demonstravam o desespero dos reacionários, a sua raiva impotente ante o ascenso das forças democráticas e nacionalistas em nosso país. Prestes advertiu também contra o caráter das ocorrências verificadas naquelas cidades, que revelam a existência de um movimento nacional organizado para tumultuar o país e criar condições para a instauração de um regime de exceção que suspenda as garantias constitucionais.

#### Em Porto Alegre

O cinema América, no bairro da Floresta, em Porto Alegre, ficou superlotado. Uma multidão entusiástica aclamou Prestes. Milhares de pessoas aplaudiram demoradamente as suas palavras, como que respondendo aos provocadores que faziam tocar os sinos nas igrejas e mandavam jovens e crianças praticar violências. A conferência realizada por Prestes na capital gaúcha completou um programa que foi realizado inteiramente para desespero daqueles que, como o padre Giordano, pregavam a violência e o assassinato contra os democratas e patriotas, comunistas ou não, que lutam pela emancipação e o progresso do Brasil.

#### Ilegalidade e intolerância

As ocorrências registradas durante a visita de Prestes ao Rio Grande do Sul, revelam até que ponto vai a intolerância e o fanatismo de certos setores do clero. Em todas as cidades onde se verificaram tumultos, os padres chegaram ao cúmulo de violar o próprio compromisso que mantêm com os pais de alunos internos, pondo em risco as suas vidas. De fato, mandaram as crianças sob sua guarda praticar as violências, abrindo as portas das internatos «para aqueles que quisessem sair». Além disso, em Porto Alegre, a intolerância religiosa esteve ao lado do fanatismo anticomunista e anti-Cuba: uma igreja Batista de Porto Alegre foi apedrejada pelos manifestantes anticomunistas que praticavam arruações sob o comando de diversos padres e freiras.

Os atos terroristas e as violências praticadas sob o comando dos padres e de elementos fascistas no Rio Grande do Sul, provocaram numerosos manifestações de protesto. Os sindicatos de Porto Alegre enviaram um telegrama ao governador Brizola em que dizem: «Dirigentes sindicais, em face das lamentáveis acontecimentos verificados em Caxias do Sul e Passo Fundo, por elementos reacionários interessados em golpear as liberdades democráticas, dirigim-nos a V. Exa., no sentido de expressar repúdio às manifestações e apoio à todas as medidas que possa o governo tomar, destinadas a garantir plena vigência do clima de liberdade imperante no Estado».

O «Movimento 26 de Julho», do Rio Grande do Sul também distribuiu nota condenando as manifestações e atribuindo-as a «elementos reconhecida mente fascistas» e assinalando que apoiará todas as medidas do governo no sentido de «garantir o exercício das liberdades fundamentais».

Estudantes católicos, entre os quais os representantes do curso clássico do Colégio Cristóvão de Mendoza, e o acadêmico Válcia Peixoto, presidente do diretório central dos estudantes da PUC, mesmo manifestando a sua condição de anticomunista, repudiaram os provocadores das manifestações de Caxias e Passo Fundo.

Também entre numerosas famílias de alunos das escolas católicas de Caxias e Passo Fundo, registraram-se manifestações de desgosto diante da atitude tomada pelos padres e freiras fascistas. Muitos deles protestaram pessoalmente perante as diretorias de alguns colégios, advertindo que a repetição de acontecimentos dessa natureza poderia levá-los a tomar medidas judiciais para salvaguardar o direito de seus filhos estudarem.

Em relação aos acontecimentos de Caxias, em nota que a Justiça neste município está disposta a encerrar até o fim todas as responsabilidades pelos trágicos eventos e, também, processar os padres diretamente envolvidos neles.

Coluna, lembrou Prestes, Siqueira revelou-se um disciplinar ferreo das tropas sob o seu comando, isso aliado, porém, ao cuidado que dispensava a cada um de seus homens, solucionando-lhes os problemas, ganhando cada dia maior confiança e estima de seus comandados. Era, além disso, um espírito jovial, um homem bem-humorado e otimista.

#### III Internacional Comunista

Entre o exame da situação nacional da época e dos dias de hoje quando os mesmos inimigos estão aí para serem derrotados pelas forças patrióticas: o imperialismo norte-americano e o latifúndio, e seus agentes — Prestes foi discorrendo sobre Siqueira Campos. No exílio Siqueira Campos tomou a iniciativa de escrever à III Internacional Comunista para pedir-lhe armas e recursos outros que permitissem a continuação da luta. O comunismo era então desconhecido dos dirigentes da Coluna. Daí passaram a ler livros marxistas, Prestes e Siqueira em particular. Quando surgiu o movimento de 30, de um lado Getúlio Vargas e do outro Júlio Prestes, deu-se o rompimento de Prestes com Siqueira Campos. Amigos velhos, irmãos de luta, separaram-se naquele momento. Siqueira, ainda idealista, acreditando na falácia de certos políticos, e Prestes já raciocinando em termos marxistas, com clareza para a situação: não havia nenhuma vantagem em adotar qualquer das candidaturas, uma a serviço do imperialismo norte-americano, outra a serviço do imperialismo inglês. E com um manifesto Prestes definiu sua posição, enquanto Siqueira Campos, viajando de avião para o Brasil para consultar amigos sobre a posição de Prestes e talvez a ela aderir, morria vitimado por um desastre.

#### Governo nacionalista e democrático

Prestes nessa altura da conferência analisou demoradamente a situação do País, a posição dos comunistas frente ao governo do sr. Jânio Quadros, os efeitos malféficos da Instrução 204, os acontecimentos do Rio Grande do Sul «quando padres fascistas de origem espanhola, alemã e italiana, jogaram crianças numa provocação antidemocrática e contrária à Constituição», os passos para a legalidade do Partido Comunista, a situação da classe operária, que reagiu, tudo isto tendo por arcabouço a situação internacional e a gloriosa revolução cubana «que demonstra as possibilidades que têm os povos latino-americanos, com o apoio da União Soviética e demais países do campo socialista, de se liberarem e constituírem o so-

cialismo. Finalmente, Prestes prestou especial homenagem a Siqueira Campos, apontando-o como um exemplo para a juventude, para todos os que em nosso País queiram realmente contribuir para a expulsão do imperialismo norte-americano, a eliminação do latifúndio, e a constituição de um governo nacionalista e democrático.

#### A mesa

Luiz Carlos Prestes foi saudado pelo sr. Miguel Guillen, vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, que destacou o papel por ele desempenhado à frente das lutas da classe operária, manifestando a solidariedade dos trabalhadores em face das provocações de que foi objeto em cidades do Rio Grande do Sul. À mesa tomaram assento os srs. Alcides Ribeiro (Comissão Amigos de Cuba); Alberto Zamignani (vereador de Mauá); Orlando Ferreira (Presidente da Sociedade Amigos do Bairro Jardim Ulling); Antônio Diniz (presidente do Sindicato dos Têxteis); Euclides Struzineger (presidente da Associação de Alimentação); Vanda Fratti (presidente da Associação Feminina); Antônio Moleiro (vice-presidente da S. A. B. Ulling); Geraldo Milani (vereador em Santo André); José Maia Ribeiro (jornalista da Fôlha do Povo, de S. André); Francisco Branco (presidente do PSB); Néelson Laporta (representante dos metalúrgicos de S. Caetano do Sul); Frota Moreira (PTB); Jurandir Alcêio (vereador em Santo André); Antônio Dias Amorim (vereador de São Bernardo do Campo); Alcêio Cavagione (segundo secretário da Liga de Futebol de Santo André); Alcides Borsari (primeiro tesoureiro Metalúrgico de S. Bernardo); José Pacidônio (representante do prefeito de S. André); José Importa (secretário do Sindicato dos Químicos); Miguel Guillen (vice-presidente dos metalúrgicos de S. André); Onofre José Ferreira (segundo secretário dos Metalúrgicos de S. André); Ernesto Corrêa (tesoureiro dos Metalúrgicos de Santo André); dr. Nicolau Asséf (médico em Ribeirão Pires); Moisés Vinhas (jornalista) e Rolando Fratti.

#### Almôço

No dia seguinte, domingo, cerca de 300 intelectuais e personalidades políticas homenagearam Prestes com um almôço. Em nome dos presentes o deputado Luciano Lepera saudou o homenageado e este, em seguida, analisou as principais conclusões a que chegaram os 81 Partidos Comunistas e Operários reunidos em Moscou, defendendo, também no exame da atual conjuntura nacional,

## UM PÉ DE VAQUEIRO

Estive uns dias em minha terra, Pará, estive em Soure, Marajó, conversei com gente de pé no chão e coceira no pé, vi a grande ilha um pouco, nem carne nem peixe, quer dizer: mudou? Progrediu? Pelo menos um só instante, me dizendo que vai mudar? Não. O vaqueiro, com a coceira no pé, um pé inchado, me dizia. Eu e o vaqueiro, na manhã chuvosa, conversamos, estávamos sózinhos no mundo. Eu com certa vergonha: que fiz eu por esse vaqueiro? E o vaqueiro com certo embaraço: que me vale dizer as minhas queixas a esse senhor da cidade?

Não era da cidade, não, vaqueiro de Soure. Tua conversa me lavou do asfalto, da vida literária, do desgoverno Lacerda, dos editoriais do «O Globo». Aos poucos fui me sentindo, do nóvo,

### DALCÍDIO JURANDIR

teu irmão, meu coceira no pé. Inchado pé de vaqueiro que corre os campos duros no verão, pelo igapó no inverno, entre cobras, jacarés, e o patrão. Me davas uma lição de Brasil, este Brasil que carregamos, e nos carregamos, pesado e atormentado, às vezes do Carnaval, às vezes lúgubre. Fiquei a teu lado, vaqueiro meu irmão, sentindo em mim o teu pé de gerações tantas que trabalham e mal comem e nunca sabem o que é aposentadoria, férias, ou saúde, ou instrução, ou isto de que muito se fala: ser um homem livre.

Vaqueiro, meu irmão, tirei de tua fraqueza, forças, de teu inchado pé, para voltar um pouco digno de ti, também com o pé inchado.

Notas Sobre Livros

HISTÓRIA DA CULTURA EM PORTUGAL, de António José Saraiva. É obra para um estudo, tal as suas proporções, as suas qualidades positivas e os problemas que suscita. Na impossibilidade de fazer-se aqui uma análise detalhada dos dois volumes já publicados, faça-se pelo menos um registro. O primeiro volume apareceu em 1960 e o segundo um lustro mais tarde. O terceiro, pelo que sei, está ainda em fascículos que não têm chegado ao Brasil, pelo menos em quantidade acessível aos interessados. Os dois tomos a que nos referimos têm, em conjunto, mais de 1.500 páginas. Despertam interesse e, na leitura, admiração, não só pelas questões em debate mas pela profundidade, equilíbrio e espírito científico revelados pelo Autor.

Temos nesta História da Cultura em Portugal uma nova interpretação, a interpretação materialista-dialética, de cultura, logo as primeiras palavras introdutórias, que são simples e diretas: "A cultura (...) existe dentro de uma sociedade, e para uma sociedade. Conforme a estrutura da sociedade a que pertence, conforme a importância relativa dos diversos grupos sociais e os meios de que cada um dispõe, assim varia a cultura".

Saraiva lançou-se e realizou um empreendimento gigantesco. Faz um verdadeiro levantamento da cultura portuguesa desde a fundação da nacionalidade, vendo as condições sociais da cultura, as instituições e os agentes da cultura, a epopéia bárbara, a cultura clerical, a cultura palaciana, na Idade Média, os mesmos problemas do período de transição para a Idade Moderna, até o Renascimento e a Contra-reforma.

O extraordinário é que um trabalho para toda uma equipe de especialistas foi realizado, e magnificamente realizado, por um homem só, e com todas as vantagens de unidade de concepção, unidade de estilo, unidade de método, que infelizmente em geral estão ausentes nas obras de equipe.

Sob a ditadura salazarista, António José Saraiva foi forçado, pelo império da necessidade, a pôr de lado as citações de clássicos marxistas que aparecem geralmente como reforço em semelhantes obras. Mas creio que ganhou com isto, em concisão e no abordar diretamente cada problema. Importante é que o método de interpretação de que se serve está presente sempre, sem esquemas, mas, ao contrário, aplicado com inteligência e arte. Por isso, nenhuma aridez, pois que os argumentos se sucedem, sucedem-se as provas e os testemunhos, esgotando praticamente cada assunto tratado. Assim no último estudo sobre Gil Vicente, assim na interpretação de Camões, o que há de melhor no gênero.

Como não podia deixar de ser, História da Cultura em Portugal é uma obra polémica, combatendo e demolindo inúmeras idéias preconceituosas existentes sobre a cultura de nossos povos. É também história política, em capítulos, como, por exemplo, o das relações entre Portugal e a Igreja de Roma. Saraiva traz também à discussão, a suposta ciência do Infante Henrique e a organização superlativa que se atribuiu à chamada Escola de Segres, "hipotética", como a qualifica, pelo menos como organização do tipo escolar.

Para nós, brasileiros, a História da Cultura em Portugal tem uma dupla importância: como repositório de elementos de onde se transplantaram os fundamentos básicos de nossa cultura e como modelo de elaboração de uma obra autenticamente científica neste domínio.

Constitui, além disso, o melhor testemunho de que não há ditadura, por mais feroz que seja, capaz de asfixiar a cultura e a ciência, desde que haja homens que conservem a dignidade ante as ameaças, as violências e as tentativas de corrupção.



Rui Faleiro

Tópicos Típicos

Morreu Maurice Merleau-Ponty, filósofo (existencialista) francês. O "Jornal do Brasil" dedicou-lhe todo o suplemento de 14-5-61.

Fazendo o elogio do pensador falecido, Ferreira Gullar chega à estranha conclusão de que o pensamento de Merleau-Ponty é menos desapercebado e mais generoso do que o de Sartre. "Diria, mesmo, mais honesto", acrescenta. Mas, como não diz por que, deixa os seus leitores em face de um dilema: ou a afirmação é arbitrária, ou Gullar é um avaro intelectual, que quer permitir aos leitores o exame das suas razões, de cuja excelência prefere desfrutar sozinho.

Além, o Gullar não estava num bom dia. Por duas vezes, afirmou que, para Merleau-Ponty, "o verdadeiro conhecimento é espontâneo". Ora, no máximo o verdadeiro conhecimento seria espontâneo, com s, jamais "espontâneo", com x. Porque "espontâneo", com x, é besteira.

Fazendo, porém, do comentador para o comentado, vejamos quem era Merleau-Ponty.

Suas primeiras obras importantes foram "A Estrutura do Comportamento" (1927) e "Fenomenologia da Percepção" (1945), esta despertando maior atenção do que aquela. Para a percepção, no conceito de Merleau-Ponty, o mundo percebido não é um mundo de objetos, "como aquele que a ciência concebe". Os olhos "perceptivos" do filósofo se voltam para "esse mundo anterior ao conhecimento, de que a consciência fala sempre e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata" (Phénoménologie de la Perception, avant-propos, p. III).

Nestes livros, em nome da busca do "concreto", ele procura resuscitar velhas formulações agnósticas e subjetivistas.

Em "Humanismo e Terror" (1947), Merleau-Ponty faz uma análise do marxismo, problematizando-o com certa habilidade, revelando-se preocupado com a possibilidade de uma corrupção da revolução proletária mediante a "institucionalização da violência" após a tomada do poder pela classe operária. Em meio a inúmeras inconseqüências, esta obra contém observações interessantes, como, por exemplo, esta, sobre os ex-comunistas: "Se, em seus períodos comunistas, compreenderam mal o alcance do marxismo, não se lhes poderia pedir que voltassem atrás e colocassem agora as questões, levando em conta que se trata de uma doutrina que repudiaram como se repudia uma amizade ou um amor, quer dizer, em bloco. Até pode ocorrer que se mantenham afeiçoados à imagem indigente que tinham dele porque ela justifica o rompimento". (Humanismo e Terror, ed. Levitain, p. 196).

Onde, porém, o filósofo se desmascara e assume posição francamente anti-soviética, é em "As Aventuras da Dialética" (1955). Aqui, não só aparece como um provocador, aproveitando os ventos que sopravam com a guerra da Coreia, como, também, deixa claro o negativismo irracionalista da sua concepção da História, segundo a qual "através dos tempos, as revoluções se acumulam e as instituições se assemblam" (Les Aventures de la Dialectique, p. 296).



Pedro Severino

ISSO DE SOLIDÃO

É muito comum ouvir-se falar e até cantar a solidão, principalmente em livros, romances, contos, poemas. Há os que apregoam, mesmo sem escrever nada, que são seres solitários, outros que proclamam o desejo de viver sós. Eu pergunto a vocês: e podem?

No mundo moderno, nesta hora tão séria do mundo, quando são abertos novos caminhos não apenas na Terra mas no Cosmos, onde aquilo que parecia mistério passa a ser realidade palpável, nesta hora em que os povos lutam pela sua emancipação, em que consciências que pareciam escravizadas se libertam das correntes escravizadoras e vêm de peito aberto, lutar pela dignidade do homem, a maior dignidade que é ser livre em país livre, como pode alguém ser solitário?

Há fome, há miséria, há reivindicações urgentes e é impossível ao homem viver só, sem compartilhar, sem pelo menos sentir um pouquinho que seja a hora tão séria, trágica aqui e ali, magnífica acolá, nos países que constroem o socialismo.

Vocês, amigos que me estão lendo pensarão: mas afinal por que vem ela hoje falando neste assunto? Explico: acabo de ler numa entrevista dada a um jornal, uma alta figura da literatura brasileira dizendo-se feliz, profundamente feliz porque ama, cultiva, explora a solidão. Ah esses robustos Robisonos Cruzos!

Naturalmente que todos nós sabemos que há os que tentam (apenas tentam) fugir da realidade. Mas não conseguem inteliramente a não ser quando, levados ao máximo da covardia, suicidam-se. Esses, coitados, fracassam por vários motivos, inclusive porque lhes falta a consciência de viver e lutar. Os outros fingem fugas, tentam fugas. Mas nada podem porque a realidade se impõe a todos os momentos, porque a vida está marcada por todos os sentimentos naturais aos homens, à luta dos homens.

Solitários como, quando basta abrir um jornal e encontrar sempre a luta dos homens? Como podem alguns escritores brasileiros fazer em solidão quando os problemas do povo brasileiro são tão visíveis e tão cruéis? Como pode um intelectual ser solitário quando lê uma notícia como esta nos jornais: Salazar mandou prender intelectuais por serem autores do "Manifesto Democrático" há pouco aparecido em Lisboa. Cito apenas essa notícia; poderia citar dezenas e dezenas delas aparecidas nos jornais.

Não creio que se possa hoje (digo hoje porque é agora que estamos vivendo) falar em solidão, apregoar a solidão como um bem, dizer que se só e viver só é a melhor coisa da vida. Não creio nem admito. Como e bom saber — e isso eu sei com orgulho — meus sentimentos são iguais aos sentimentos de vocês, que um grilo de vocês é o meu grilo. Possa eu viver sempre assim, compartilhando, colaborando, lutando. Isso, afinal, é que se chama viver.



Enéida

Jovens Soviéticos Trazem Mensagem: Precisamos Conhecer-nos

Três estudantes soviéticos, entre os quais a bela Menglet Maja, artista de cinema, estão encantados com o Brasil. Não imaginavam que o nosso país fosse tão grande e tão belo. Querem ir até o Amazonas e insistem: precisamos conhecer-nos melhor. Vieram a convite da UNE e sábado pela manhã, no hall do hotel Novo Mundo, onde estão hospedados, deram uma entrevista coletiva à imprensa carioca.



A bela Menglet Maja é a figura de realce na delegação de jovens estudantes soviéticos ora em visita ao Brasil. Os que a conhecem pessoalmente dizem que ela para até o bem organizado tráfego de Moscou

uma entrevista coletiva à imprensa carioca.

Integram a delegação dois rapazes e uma moça. São eles: Dobrov Genadi, que recentemente terminou o curso de Engenharia de Minas, membro do Presidium do Conselho de Estudantes da URSS e vice-presidente do Comitê das Organizações Juvenis da República da Ucrânia, e Kostritain Boris, estudante de História da Cultura, pós-graduado da Universidade de Moscou e membro do Comitê Juvenil de Relações Culturais com a América Latina. Ela: Menglet Maja, estudante da Escola de Teatro Acadêmico e Artístico de Moscou, artista de cinema.

Maja, uma "jovem moderna"

Vestida de azul e com seus cabelos cuidadosamente penteados para o alto, a formosa Maja foi o centro de atração para os fotógrafos e repórteres que compareceram sábado pela manhã ao Novo Mundo. Pousou de todas as formas: com flores, frente a um espelho, brincando com uma estátua, junto com seus colegas. Maja, porém, não é apenas uma jovem bela e de irradiante simpatia. Em seu país trabalha com entusiasmo e energia durante 8 horas por dia para se tornar em breve uma artista dramática. Auxiliada por Boris, que fala corretamente o espanhol, conta aos repórteres um pouco de sua vida à base das perguntas que vão surgindo de todo lado. Cursa atualmente o último ano da Escola de Teatro Acadêmico Artístico de Moscou. Combina os estudos de teatro com o cinema, já tendo participado de 4 filmes: "Aconteceu em Penevovo", "A Casa", "O marinheiro do navio Cometa" e "E preciso ter fé no homem". Respondendo a uma pergunta sobre que papéis prefere interpretar, disse: "Em todos os filmes dos quais participei interpreto sempre uma jovem moderna. Tenho encarnado o tipo da moça da atual sociedade soviética, e néles me sinto bem".

Artistas preferidos

Maja, como toda jovem, e apesar de ser ela própria artista, tem seus prediletos no cinema. No plano internacional, Vivian Leigh e Simone Signoret, que conhece pessoalmente e considera duas grandes atrizes. No plano nacional, fala-nos de Tatiana Samoilova, de quem é amiga pessoal e ex-colega de curso.

Informada de que, atualmente, se exhibe no Rio a peça estralada do célebre romance de Dostoiévski, "O Idiota", manifestou sua alegria por saber que também em nosso país há interesse pelas obras clássicas russas. "Pena, diz-nos Maja, que esse conhecimento seja ainda bastante limitado, em virtude do reduzido contacto cultural que ainda existe entre nossos países".

Primeiras impressões

Chegando ao Rio na dia 18, os estudantes soviéticos pouco ainda viram e ouviram sobre o nosso país. Mesmo assim seus componentes falam-nos com entusiasmo de suas primeiras impressões. Dobrov Genadi sente-se surpreso ante a vastidão de nosso território, que só conhecia através dos mapas e dos compêndios geográficos. Seu maior desejo é ir à Amazônia, o que espera fazer com a ajuda das organizações estudantis brasileiras. Boris tem um conhecimento mais profundo sobre nosso país e a América Latina, mas confessa que está surpreso com o desenvolvimento de nossas cidades. Todos três leram e acharam muito interessante o livro "Terras em Chamas", do escritor tcheco Jan Drda. "Este livro, diz Boris, foi traduzido em russo e despertou grande interesse entre os estudantes em virtude dos aspectos que narra sobre o Chile e o Brasil, duas grandes nações da América Latina".

Beldade soviética

Oposição Perturbou o Conselho da UBES

A atitude antidemocrática assumida pela bancada da oposição prejudicou bastante os trabalhos do I Conselho da UBES, reunido na cidade de Campina Grande (Paraíba), de 10 a 13 do corrente.

Desde o início dos trabalhos do conselho dos estudantes secundários as bancadas oposicionistas entregaram-se à obstrução deixando os estudantes discutirem importantes temas constantes da ordem-do-dia como Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Anúncios Escolares. Chegaram a ingressar no plenário fumando centosamente enormes charutos a fim de causar tumulto.

Integram o grupo de oposição as bancadas do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Estado do Rio, Pernambuco, Bahia e Sergipe que compareceram ao Conselho com enormes delegações, particularmente Pernambuco e Bahia, que levaram à Paraíba 30 e 8 delegados, respectivamente, custeados não se sabe como.

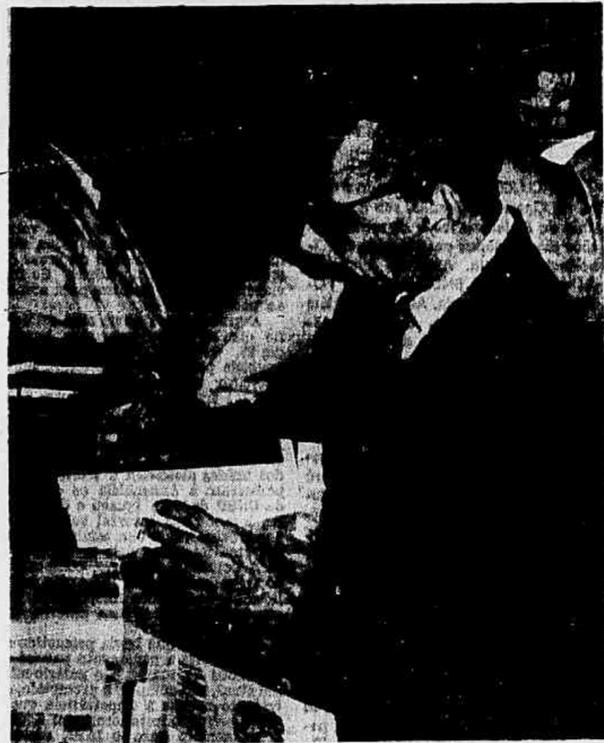
O dedo do gigante

Repellidos prontamente por todas as delegações que compareceram a Campina Grande desejosas de discutir e encontrar soluções para as questões mais importantes que atualmente preocupam os secundaristas de todo o país, os arruaceiros retiraram-se do plenário. Posteriormente, foram vistos dentro de camionetas do C. sulado americano e prestando cartazes anticomunistas pelos muros da cidade.

Desmascarados pelos verdadeiros conselheiros, os provocadores ficaram isolados. O povo de Campina Grande cerrou fileiras em torno das bancadas que apoiavam a direção da UBES prestífiando-as em sua atividade. O prefeito da cidade compareceu à instalação e encerramento dos trabalhos. Os diretores de escolas suspenderam as aulas para que eles e seus alunos pudessem assistir ao Conselho. E grande massa popular ocorreu ao comício realizado após a reunião com o objetivo de desagrar aqueles que compareceram à cidade paraibana conscientes de seu dever e de manifestar a solidariedade dos secundaristas brasileiros à Revolução Cubana.

Resoluções

Apesar do pouco tempo dedicado ao trabalho de discussões objetivas, o que só pôde ser feito depois da retirada das bancadas oposicionistas, algumas resoluções importantes foram tomadas, tais como: aprovação de um voto



Autógrafos na Barraca da Vitória

No dia 18 de maio, a Editora Vitória promoveu em sua barraca na Feira do Livro uma noite de autógrafos de livros recentemente lançados: Bem do Grão Pará, de Dalcídio Jurandir, Sol do Meio-dia, de Alina Paim, Nôta, e Esperança e O homem que

não gostava de cães, de Milton Pedrosa e Brasil século XX, de Rui Faleiro. Embora já no fim da Feira, a noite de autógrafos teve êxito. Na foto, Dalcídio Jurandir autografando seu último romance.

O Brasil em manchetes

"Em face da atitude do governo brasileiro diante dos acontecimentos cubanos, defendendo a autodeterminação dos povos, o Brasil tornou-se manchetes em nossos jornais", diz-nos Dobrov. "E por isso os estudantes soviéticos passaram a se interessar mais e mais pelas coisas relacionadas com este país e seu povo". Cita-nos exemplos: a peça teatral de Guilherme Figueiredo "A Raposa e as Uvas", já representada em Moscou, Leningrado e outras cidades, foi assistida por milhares de jovens em toda a URSS. Os livros de Jorge Amado, cuja obra "Gabriela, Cravo e Canela" agora se traduz na URSS, os livros de Afonso Shilmlith como "A Marcha" e "Os Berredos de S. Paulo", etc., são multíssimos procurados pela jovem geração da União Soviética.

Reforcemos a amizade brasileiro-soviética

"Apesar dos diferentes pontos-de-vista esposados pelos jovens soviéticos e os jovens brasileiros muitas coisas de interesse comum podem ser discutidas e tratadas entre nós, afirmam-nos Dobrov, e acrescenta: — Por exemplo, estamos inteiramente de acordo com o lema sob o qual estudantes brasileiros marcham para seu II Seminário de Reforma Universitária: "Universidade para todos". Esta é uma frase que nos une e reforça nossa amizade.

Trazemos em nossa bagagem, diz agora, Boris, muito desejo de conhecer o Brasil, a vida de seus estudantes e de sua juventude e também muitas sugestões visando incrementar o intercâmbio entre os estudantes do Brasil e da URSS, esperando com isso reforçar a amizade entre nossos povos".

Nesse momento uma pergunta é feita: quais os caminhos práticos para o estímulo ao intercâmbio? Prontamente, Dobrov responde-nos:

"Inúmeros. Citaremos no entanto alguns. Poderíamos, por exemplo, mandar estudantes soviéticos recém-formados fazer cursos de especialização no Brasil e o Brasil por sua vez mandaria seus estudantes se especializarem em Moscou. Poderíamos incrementar o intercâmbio de delegações através de nossa agência de turismo juvenil denominada "Sputnik", intercambiando conjuntos artísticos, exibidores de filmes. Enfim, poderíamos fazer um milhão de outras coisas."

Saudação aos estudantes do Brasil

A delegação estudantil soviética que ora nos visita e que ficará em nosso país durante 21 dias, aproximadamente, percorrerá diferentes capitais brasileiras tais como: S. Paulo, Brasília, Porto Alegre, Recife, Belém, Salvador, etc., retornando posteriormente ao Rio, de onde seguirá viagem de regresso. Pretendem seus componentes entrar em contacto com estudantes, professores, educadores, órgãos do governo ligados ao ensino, e estabelecer contatos de amizade com diferentes organizações juvenis de nosso país. "Pediram-nos, por fim, os jovens soviéticos que fôssemos portadores de sua saudação de estima e amizade aos jovens brasileiros, "que tão carinhosamente nos receberam".

Teatro Beatriz BANDEIRA

DRAGON, BIBSA E METALÚRGICOS

Um grupo de jovens estudantes israelitas, da Biblioteca Israelita-Brasileira Sholem Aleichem trabalhou, ensaiou e encenou, e sob a direção de Paulo Afonso Grisoli apresentou, nos dias 19, 20 e 21 no pequeno auditório da nossa biblioteca, pela primeira vez no Brasil, um espetáculo Dragon completo. Isto é, com as quatro peças que constituem o livro "HISTÓRIAS PARA SEREM CONTADAS". Dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos interessados em levar a seus associados esse espetáculo, entraram em entendimentos com Grisoli e combinaram dois para os dias 27 e 28 na sede do seu Sindicato, às 18 horas. As peças, sem ser revolucionárias, têm, entretanto, um caráter de denúncia social, o que lhes dá um certo mérito. Seus títulos: "História de um abcesso, uma mulher e dois homens", "História do homem que se transformou em cachorro", "História de como nosso amigo Tonico Soares sentiu-se responsável pela epidemia de peste bubônica na África do Sul" (é a, nomezinho curto!) e "Os da Mesa 10". Sem nenhum cenário, trazendo os próprios atores os acessórios indispensáveis, a-se apanha na rotunda preta "Está Tudo Feito". Verificar e denunciar, através do teatro, que está tudo errado lá é alguma coisa. Obrigá a pensar e a procurar as meios de como chegar ao certo, ao tudo certo. Esses moços acertaram por essas razões e mais porque se trata de um tipo de teatro que prescinde de cenário, quarta-parede, etc., o que é forma altamente transitável, o que é sumamente importante para os nossos兄弟 fazer teatro popular e para o povo. Encetamos e desolamos, em todas as apresentações teatrais e estudantis citam o honroso exemplo dos Metalúrgicos e convidamos todos os interessados a levar-lhes o espetáculo que apresentaram com tanta coragem e beleza. Difícilmente se vê um plano de jovens amadores tão seguros e integrados em seus papéis.

UNTO DOS CARPINTEIROS TEATRAIS

Recebemos com muito atraso seu ofício, solicitando divulgação da Assembleia-Geral, realizada no dia 15 do corrente. Fazemos votos para que a nova diretoria eleita conduza de maneira útil e cheia de ânimo os trabalhos da sacrificada e honrada classe dos carpinteiros e maquinistas de teatro.

# Deputado Valadão Foi a Cuba e Discursou Para Contar a Verdade da Revolução

O deputado udenista Jorge Valadão pronunciou na sessão da Assembleia Legislativa, no dia 16 do corrente, um importante discurso em que resumiu suas mais profundas impressões, diante da recente viagem que realizou a Cuba.

O deputado Jorge Valadão, sem preconceitos e empenhado em transmitir a verdade, prestou aos seus pares um depoimento oportuno sobre a Revolução Cubana.

De início, definiu sua posição em relação a elementos de seu próprio partido que lhe têm levantado toda sorte de calúnias por causa de suas posições, principalmente na que diz respeito a Cuba. São suas as seguintes palavras:

«Sómente porque visitei Cuba e fui hóspede de Fidel Castro; sómente por isso, tudo pode acontecer, sr. presidente, no terreno da calúnia. Sendo hóspede do Governo cubano, fui eu um dos deputados que mais receberam os aplausos do povo. Nem por isso, conservei os meus olhos vedados desde o primeiro momento em que piséi as terras de Havana. Observei, cuidadosamente, tudo o que lá se passava. Diversos informes de rádio e de imprensa, estes sim, sr. presidente, é que estão sendo mal conduzidos em nossa terra. Essas agências noticiosas americanas o que querem? Transformar Fidel Castro num vilão, num tirano, num homem implacável, quando não o é. Fidel Castro é aquela mesma pessoa que o povo carioca teve oportunidade de conhecer, inclusive, num programa de televisão.»

Fidel Castro é estimado por todos os cidadãos cubanos. Os milicianos confessaram-nos que a sua revolução era de paz, de amor, de fraternidade. Alguém tem de estar errado. Ou a minha ingenuidade não deu para perceber a verdadeira situação, ou os adversários de Fidel Castro, desconhecendo a valor tradicional do povo cubano, insistem em fazer aquilo que não devem, desconhecem um regime que vem do povo, que é prestigiado pelo povo.

Continuando, o deputado Jorge Valadão fez comentários sobre a palavra-de-ordem que tem animado o povo cubano em sua heróica luta: «Pátria ou Morte». Explicou-a dizendo que ao povo cubano «era preferível morrer a ser escravizado, era preferível morrer a ser servo, e, numa linguagem muito brasileira, era preferível morrer a ser capacho do estrangeiro.»

**A Reforma Agrária**  
A respeito da solução dada à exploração da terra, o deputado Jorge Valadão considerou ainda os aspectos da educação e da saúde, tendo dito:

«Com referência à reforma agrária, queria poder transmitir, sr. presidente, a alegria daqueles camponeses ao ver as terras divididas. Diante da questão da reforma agrária, há dois problemas iguais aos que nós enfrentamos aqui no Brasil: o problema da educação e o da saúde. Na própria granja do camponês, que não tinha calçado, que não tinha roupa, que trabalhava somente para pagar, se não me engano, o consumo de luz e a comida, havia o quê? Uma casa que me pareceu, inclusive, como as casas de madeira de Brasília, e uma escola, na própria granja, era administrada por alunas da Universidade cubana, cujas professoras eram aquelas meninas burguesas que a imprensa chamou de inimigas de Fidel Castro. Vi, por exemplo, a partida de 1 200 meninos para o campo, e com que intenção, senhor presidente? Ganhar dinheiro? Continuar com a mesma burguesia? Não, com a intenção de trabalhar, de dar aulas, de solucionar o problema do analfabetismo em Cuba.»

Em troca, aquelas burguesas — digamos de passagem, muito bonitas — só recebiam comida. Roupa não. Só comida e uma residência que não tinha muito conforto.

**As eleições**  
Jorge Valadão teve o ensejo de perguntar pessoalmente a Fidel Castro a respeito das eleições em Cuba. E a resposta que o primeiro-ministro revolucionário lhe deu foi a seguinte:

«Valadão, por que vocês da delegação brasileira não apresentam o candidato da oposição? Por que vocês não descobrem por estas ruas de Havana um cubano que queira concorrer numa eleição comigo? Qualquer deputado brasileiro ou deputado de outra nação que vá para a praça pública tentar explicar a este povo — que eu arrei para a minha defesa e para a sua própria defesa do povo cubano — que tente dizer que eu estou errado, que aquilo que prego é mentira, terá que assinar um atestado de óbito. Por quê? Se alguém falar contra a minha pessoa aos milicianos de Cuba, eles vão sentir ódio, porque o meu povo é um povo grato, o meu povo me tem no coração, porque sabe que estou cuidando dele». E foi aí que Fidel Castro nos deu a maior bofetada, uma bofetada com lúvas de pelica. E sabe porque, senhor presidente? Porque ele disse: «Por ac-

so existe na América do Sul, nos países latino-americanos algum governo que tenha mais prestígio do que eu perante o seu povo?»

«Chamam-me de ditador. Sim, eu sou ditador, mas sou ditador que se livra, que só tem um perigo dentro de seu regime. Sabe que é o perigo? O perigo da influência. Todos pensam que sou comunista.»

E sabem quem é o ministro da Fazenda do senhor Fidel Castro? Um paraplégico como eu, um homem inválido.

## Um peso vale um dólar

Após ter falado da previdência social no Brasil e de como ela se apresenta em Cuba, falou no fato de que muitos querem fechar os olhos ao mundo socialista, ou então calcularem aqueles que se ocupam em reconhecer a sua realidade palpante.

Focalizou então um aspecto da situação financeira de Cuba, quando disse: «Uma coisa muito importante, em Cuba, é a preocupação de Fidel Castro em colocar o peso com o mesmo valor do dólar. Já pensamos que coragem? O dólar, em Cuba, vale, em moeda brasileira, Cr\$ 260,00, e o peso vale Cr\$ 260,00. [...] Por quê? Porque dentro de Cuba se vivia num regime americano, com toda aquela suntuosidade, com tudo aquilo que se fazia antigamente, com aquela vida de nababo.»

## O "paredón"

«Conheci um tal de Julião, líder relacionado entre os deputados, homem de bem. Mas, por quê? Quem é Julião? Julião realmente é um homem que tem uma determinação, que traçou planos com Fidel para colocá-lo no Rio de Janeiro, no Estado da Guanabara ou em Brasília? Não. Traçou planos para adquirir experiência maior, experiência que, infelizmente, não possuimos. Qual a experiência que adquirimos? A experiência de que um ditador quando não vai com a cara do sujeito manda jogá-lo no paredón». Não, senhor presidente, também fui a Cuba com a impressão de que existia essa espécie de força, de que a minha filha não seria respeitada na sua honra, porque um daqueles soldados de Fidel Castro talvez a quisesse e a levasse para sua casa. Isto não é verdade. Em Cuba existe respeito à família.

«Mas por que Fidel Castro criou esse clima de terror e de pavor?»

«Porque ele fez questão absoluta de julgar aqueles que ele colocou no tal "paredón". Vamos supor que, numa revolução, certo dia, com todos os canhões apontados, Fidel Castro resolvesse matar todo o mundo, todos os seus inimigos. Não tinha nada. Era revolução.»

## Os padres e a revolução

A respeito da atitude que o governo revolucionário vem tomando em relação à Igreja, o deputado Jorge Valadão afirmou que, conversando com padres, constatou que os mesmos adotavam uma posição parcial, tipicamente dirigida. Esclareceu que, numa média de 80%, os padres, em Cuba, eram espanhóis e assumiam uma atitude nitidamente antirrevolucionária. O povo cubano não

hesitou em se colocar contra a hierarquia religiosa espanhola na defesa dos ideais justos de sua Revolução.

## Um regime melhor

«Para resumir todo este meu depoimento, que é sincero, posso dizer que, e não ser uma mudança radical, inclusive no temperamento, — inclusive — na formação do indivíduo, até hoje acredito que Fidel Castro seja um homem com a disposição de marchar com seu povo para um regime melhor, para a independência cubana, para acabar com certos fenômenos naturais, ou, falando em linguagem mais simples para acabar com a baderna, com o poderio de determinados grupos econômicos que faziam de Havana uma ilha de veraneio.»

«Os cassinos de Cuba, que coisa! A tal bule "Tropicana", que mundial Aquilo foi construído para os cubanos? Não. Foi construído para um grupo de pessoas que se queriam aproveitar de um povo, que queriam realmente fazer daquela ilha uma espécie de círculo vicioso, com uma orientação má, com uma gente ruim, gente perversa, sem qualquer respeito pelo próximo.»

«Esta é que é a verdadeira situação de Cuba.»

## "Esso" não deu o mínimo

Um dos trechos pitorescos do discurso do deputado Jorge Valadão foi aquele em que citou as declarações do comandante do avião em que voava para Havana, no aeroporto do Recife, comunicando que não sabia se a gasolina era boa, pois «a Esso não me quis vender gasolina». E comenta o deputado:

«Por que não quis? Porque o avião ia levar uma caravana brasileira para constatar a verdade de Cuba. Sómente por isso.»



## NAVIO SOVIÉTICO NO PÔRTO CENTENAS DE CARIOCAS A BORDO

O navio hidrográfico Mikhail Lomonosov aportou há dias, pela segunda vez, no Pôrto do Rio de Janeiro, para completar suas reservas de água potável. Imediatamente, grande curiosidade popular cercou o barco soviético, discriminado pela medida policial do governador da Guanabara proibindo que

os tripulantes deixassem o navio e impedindo os visitantes, medida logo revogada pelo ministro da Justiça. E as confraternizações se multiplicaram. O exemplo é a foto, onde aparece um cientista soviético autografando o caderno de uma bela carioca.

## BROCOIO EM FOCO

A seca atinge os hospitais do Centro e da Zona Norte. Lacerda, amante dos gráficos em quadros negros, transformou a Guanabara em Polígono das Sêcas. O Rio de Janeiro, sob o governo Lacerda, é um dos rios secos das mais flageladas regiões do Nordeste, que o carioca pode atravessar a pé enxuto... quando não chove, pois aí a cidade vira lago de lama.

Durante a exposição do sr. Afonso Arinos, na Tv, sobre nossa política externa, algumas senhoras gordas do Clube da Lanterna telefonaram ao ex-companheiro de Lacerda no caminho do povo, sugerindo que invadissemos Cuba. Se Lacerda fosse à frente dessa invasão poderia ser aprisionado e depois trancado por uma máquina de tapar buraco de rua. Um bom negócio.

A propósito de trocas: o «Estado de São Paulo» vai mandar um trator a Fidel, em troca de prisioneiros. Que tem o «Estado» com a invasão de Cuba? A tanto pode levar o servilismo de um jornal tão idoso, que vive em função dos interesses de Washington.

Lacerda, Roberto Marinho e outros bichos são os grandes entusiastas, no Rio, do Rearmamento Moral, que se propõe salvar o homem moço. A mocidade de Lacerda e Marinho começa depois dos quarenta e vai até a idade do macróbio Eugênio Gudim.

JOSÉ VICENTE

# Cineclubismo

**FESTIVAL DO DOCUMENTÁRIO:** Continuam as exposições, agora no auditório do IAPC (Rua México, 128 e Av. Graça Aranha, 169), no horário de 18,30, às terças, quintas e sábados. As próximas exposições serão: dia 25, GUEST OF HONOUR e BURMA VICTORY, de Roy Boulting; dia 27, CHUVA e ZUIDERZEE, de Joris Ivens, e THE WORLD WITHOUT END, de Paul Rotha e Basil Wright; dia 30 NIGHT MAIL e SONG OF CEYLON, de Basil Wright e RICH QUE LES HEURES, de Alberto Cavalcanti; dia 1-6, PACIFIC 231, de Jean Mitry, GLASS, de Bert Haaststra, e TRUE GLORY, de Carol Reed. Na final do Festival serão reprisados os filmes exibidos na primeira semana, de maneira que os novos assinantes não perderão nenhum programa. As assinaturas para o Festival continuam sendo vendidas no local das exposições.

**PROGRAMAÇÃO DOS CINECLUBES:** GEC da UME: no Auditório da Ministério da Educação, dia 25, às 20 horas, em sessão franqueada a todos os interessados, o famoso filme NAPOLEON, de Sacha Guitry. ENGENHARIA; no auditório do Clube de Engenharia, às 19 horas, dia 26, GRILHÕES DO PASSADO, de Orson Welles. ALIANÇA FRANCESA: no auditório da Maison de France, dia 26, às 18 horas, conferência sob o tema «Claudel et Honnegger», por mme. Claudel Nollier, da Comédie Française. SEMINÁRIO S. JOSE! (Av. Paulo de Frontin, 568): dia 28, sessão de documentários cadidos pela Embaixada Americana; e dia 30, BOA-NOITE ATÔMICO, com Cantinflas. OLYMPICO (Rua Pompeu Loureiro, 116 — Copacabana): 1ª programação sexta-feira, dia 26, às 21,30 horas, com o filme «O ano 1753». PROIBIDAS, precedida de

uma rápida apresentação pelo crítico e cineasta Alex Viany; após a exibição será oferecido um coquetel aos presentes.

**NOTICIÁRIO:** Está funcionando o Clube de Cinema de Brasília, sob o patrocínio da Prefeitura local; as suas exposições são efetuadas aos sábados, no Cine-Teatro Cultura. A sessão inaugural foi com o filme ENCOURAÇADO POKEMKIN, de Eisenstein. As exposições têm sido muito concorridas. Agora um apelo do Clube de Cinema do Rio de Janeiro, que desejando completar a coleção da revista CENA MUDA, solicita aos leitores e amigos que possuam os números 29 e 33, de 1954, e que possam se desfazer das mesmas, enviar para o endereço: Praça da República, 141 — segundo andar; o CCRJ também poderá fazer troca de revistas que tem em duplicata. Queremos também tornar pública a nossa calorosa saudação a toda a crítica de cinema do Rio de Janeiro, que, unanimemente, se colocou contra a ignorância do chefe da Censura local no caso do filme sobre a recente invasão de Cuba; é preciso que certas autoridades saibam que filmes para exposições particulares, isto é, para convidados ou sócios, absolutamente não estão sujeitos a vistas da Censura. Chegam os cortes de caráter comercial, moral, político, etc., o que via de regra são submetidos filmes exibidos nos cinemas da praça. O cineclubismo sente-se particularmente ameaçado com esse tipo de censura, uma vez que as suas exposições são realizadas em caráter privado, isto é, para seus sócios e convidados, independente da certificação de censura, interessando apenas o filme em si, as suas qualidades artísticas e cinematográficas.

## Greve de servidores da Prefeitura de Nilópolis

**NILÓPOLIS** (Do correspondente Diogo Soares Cardoso) — Em grande assembleia, no dia 22 do corrente, com o comparecimento de 104 trabalhadores da Prefeitura de Nilópolis, dos 231 existentes nos diversos serviços de obras (escolas, água, cemitério, varredores de ruas, limpeza de valas, etc.) foi decidida a decretação da greve dos operários da municipalidade. So funcionará o Pronto Socorro, para atender ao público.

A greve que já havia sido resolvida no dia 10, iniciou-se a zero hora do dia 23. Os trabalhadores estão em assembleia permanente e determinados a só voltar ao trabalho com a vitória. Dos 104 trabalhadores presentes à Assembleia, foram organizados 3 piquetes para percorrer os locais de trabalho e convencer os companheiros da necessidade da adesão, para que todos unidos alcancem a vitória. Compareceram à Assembleia os dirigentes da UNSP de Nova Iguaçu e de Nilópolis, levando sua integral solidariedade aos grevistas, que têm também o apoio dos sindicatos dos dois municípios.

A Comissão de Greve, composta de 15 trabalhadores, fez um apelo à solidariedade do povo nilopolitano, para que possam vencer essa batalha contra a fome.

O prefeito, que havia prometido aos trabalhadores o pagamento parcial dos atrasados de março e o salário-mínimo atual, não cumpriu o prometido, entretanto apenas a importância que já vinha pagando anteriormente: 5.760,00, com desconto para o IAPI, efetuado contra os diaristas. Os contratados não descontam, mas também não têm direito a nada.

Expostos ao sol e à chuva, rodeados de lixo, trabalhando sob ameaça de morte, rodeados por fios de alta tensão, os operários do setor de oficinas de Alfredo Maia, da Estrada de Ferro Central do Brasil representam o descalço em que se encontra grande número de ferroviários da empresa.

Cerca de quinhentos operários, distribuídos nas seções de caldeiraria, limadores, torneiros, ferreiros, fundição e revista, reclamam das péssimas condições de trabalho. Na caldeiraria os operários trabalham ao ar livre, em meio a montes de lixo, rebarbas de ferro e com carência de material.

Na seção de limadores, o conserto das máquinas se faz em valas infectas, cheias de água estagnada, graxa, detritos, sem qualquer limpeza. A mesma situação é encontrada nas outras seções, sendo que na de torneiros, quando chove, a água alaga o local ficando empoçada e fazendo contato com fios de alta tensão, o que constitui um sério perigo para a vida dos trabalhadores.

As instalações sanitárias não têm qualquer asseio, e, desde a ampliação das instalações de uma distribuidora de leite engarrafado que fica nas proximidades, é total a falta de água.

Não existe refeitório, sendo os operários obrigados a fazer suas refeições

no vestiário, onde também não existem condições de higiene.

Devido a essa situação, grande parte dos operários adoece vítima da falta de higiene. Muitos se encontram afastados do serviço em tratamento de saúde.

A cobertura de zinco do depósito vem caindo a cada vento um pouco mais forte. Por duas vezes, dois operários es-

caparam de trágica morte provocada por telhas que despencaram do alto, sacudidas pelo vento.

Diante desses fatos, os operários de Alfredo Maia, que até no dia do pagamento são obrigados a ficar de duas a quatro horas em uma interminável fila, sem qualquer tipo de abrigo, reclamam das autoridades do EFBC a correção das deficiências que ali se verificam.

## Exposição de Djanira

A informação nos chega em linguagem de telegrama: «Galeria Bonino, Barata Ribeiro, 578, Exposição das Pinturas de Djanira, 24 de maio, inauguração às 21,30 horas, até 10 de junho, Rio, 1961».

É com prazer que reproduzimos a informação. Djanira é uma artista de talento, trabalhadora e que nada tem de cabalina. Vem realizando há anos uma obra que se aperfeiçoa constantemente, sem artificiais «dramas de consciência» e sem atitudes demagógicas. Djanira trabalha e estuda, estuda e trabalha. Daí seus notáveis progressos a cada exposição de seus quadros. Daí sua projeção crescente tanto no país como no exterior. Ela tem uma qualidade por excelência: não comercializa sua arte, não faz concessões a gostos de excêntricos para vender seus quadros. Faz o que acha que está certo, o que sente, o que gosta de fazer. E, apesar de sua saúde débil, não pára.

Djanira não considera trabalhar como artista apenas meter-se num atelier e isolar-se do mundo. Ela está permanentemente viajando por esse interior de Brasil, entrando em contato com o povo, com os diferentes setores da população, pois sabe quanto é múltipla e diversa a vida em nosso país e, portanto, quanto são múltiplos e diversos os meios sociais e culturais disseminados pelo Brasil. E ela almeja sobretudo reproduzir em seus quadros o caráter do nosso povo, com a sua formidável riqueza e colorido. Mantida num burro, ela atravessa regiões insólitadas do Maranhão, como fez há pouco, para conhecer a vida de tribos indígenas mais ou menos afastadas da civilização, reduzidas quase à vida primitiva que aqui encontraram os colonizadores há quatro séculos e meio. E com elas convive, conhece a sua arte, suporta o descon-

fário, mas toma contato com sua cultura. E este empenho e esta aspiração humana que a levaram ao interior do Maranhão se refletem, direta ou indiretamente, como experiência, em sua arte. Por isso, sem se incomodar com as classificações em que procuram colocá-la, Djanira faz uma arte compreensível ao povo, com beleza, harmonia e substância. Aconselhamos aos nossos leitores e amigos que visitem a sua exposição deste ano, pois assim estarão conhecendo melhor um dos nossos grandes pintores contemporâneos.

## Jovens artistas da UP'S

No dia 25 inaugurou-se, no salão do diretório da Escola Nacional de Belas Artes, a mostra de gravuras de jovens artistas de Moscou e Leningrado. A exposição é patrocinada pelo Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-URSS e pelo Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes.

## Coluna do Lector

### A ORIGEM DA VIDA

O leitor Alan de Albuquerque Andrade enviou-nos carta solicitando esclarecimento sobre os fundamentos filosóficos da origem da vida. Encaminhamo-la ao responsável pela seção Teoria e Prática.

### OUVINDO E GOSTANDO

«Tive a maravilhosa experiência de ouvir a palavra de Luiz Carlos Prestes...». Em carta que nos envia o leitor Berlinda Medeiros relata os ensinamentos que lhe proporcionaram uma palestra recentemente pronunciada por Luiz Carlos Prestes a propósito de questões internacionais e nacionais. Em sua mensagem o leitor ressalta a imagem traçada por Prestes da construção do socialismo na URSS, do avanço do sistema socialista e das forças de paz e a esperança que os êxitos do mundo novo que se ergue no Oriente traz para todos os povos do mundo.

### POEMA

Recebemos e agradecemos o Poema Revolucionários de L. Reginao.

Luiz Carlos Prestes  
**OS COMUNISTAS E O GOVERNO**  
**JANIO QUADROS**  
Cadernos de NOVOS RUMOS  
Rio — 1961  
Editora Aliança do Brasil Ltda.  
Av. Rio Branco, 257 — sala 905  
Rio — Estado da Guanabara  
A VENDA EM TODAS AS BANCAS — Cr\$ 20,00

GREVES E MANIFESTAÇÕES CONTRA A EXPLORAÇÃO DOS LATIFUNDIÁRIOS

# Paraná Luta Dos Assalariados Fortalece Organização Das Associações de Camponeses

**CURITIBA, maio** (Correspondência especial) — Cresce em todo o Estado o movimento dos lavradores e assalariados agrícolas contra a prepotência dos grandes fazendeiros e latifundiários e a onda de exploração a que são submetidos.

Em numerosas fazendas de diversos municípios do norte do Estado, registraram-se ultimamente manifestações de protesto e greves contra os patrões. Assim, na Fazenda Aliança, de Engenheiro Beltrão, os assalariados agrícolas, não se conformando com a carpa de Cr\$ 400,00 por mil pés de café, dirigiram-se ao fazendeiro do qual exigiram o aumento para Cr\$ 800,00. Este não concordando, os assalariados, com o apoio do sindicato, recorreram à greve e obrigaram-no a aceitar a proposta.

### Novos movimentos

Movimentos semelhantes verificaram-se em outras fazendas do Estado. Em Orizônia, os assalariados da Fazenda São José, descontentes com o que recebiam anualmente pelo trato de 1.000 pés de café (7.000 cruzeiros) recorreram ao sindicato cuja diretoria os aconselhou a lutar para conquistar um maior pagamento, dissuadindo-os também de mudar-se antes de discutir com o patrão. Assim foi feito: uma comissão de assalariados foi ao fazendeiro e solicitou um aumento de 6.000 cruzeiros, além do que advertiu que oportunamente voltariam para discutir o reajustamento no preço de Cr\$ 70,00 cobrado pela colheita. O patrão recusou e os trabalhadores, em virtude disso, recorreram à greve. O argumento foi decisivo: dias depois o fazendeiro recuou e fez uma contraproposta: aumento de 2.000 cruzeiros por cada mil pés de café.

### Abandonaram a fazenda

Em Mandaguassú, na Fazenda Colúmbia, os assalariados exigiram um aumento de 5 mil cruzeiros pelo trato anual de mil pés de café. Os patrões recusaram e se mantiveram intransigentes apesar da greve deflagrada na fazenda. Em vista disso, e como estivessem passando fome, os lavradores resolveram abandonar as

terras. O fazendeiro ameaçou-os, inclusive com intervenção policial, advertindo-os de que não permitiria a mudança antes de terminado o contrato. Os assalariados recorreram então ao sindicato, cuja diretoria tomou providências.

### Exploração

Caso vergonhoso verificou-se no Sítio Santo Antônio, em Marialva. O assalariado empregou-se no referido sítio como colono. Seguindo norma comum entre os fazendeiros, o proprietário se comprometeu verbalmente a pagar Cr\$ 110,00 por saca de café colhido e mais 7 mil cruzeiros pelo trato anual de mil pés de café. Entretanto, quando Antônio Passato, o assalariado, foi receber a caderneta constatou que o que havia sido combinado, não estava registrado, tanto no que se refere ao preço cobrado pela saca de café colhido como ao trato, e, mais ainda, exigia 10% dos cereais plantados e colhidos pelo colono. Antônio não concordou e se recusou a assinar a caderneta. O patrão, em represália, negou-se a pagar as mesadas, que já estavam atrasadas de 3 meses. Diante disso, o colono colheu os cereais, contratou um caminhão e abandonou o sítio. Foi então impedido pelo patrão que, juntamente com três capangas, ameaçou sua integridade física e despejou toda a mercadoria alojada no caminhão na estrada.

### Cresce o movimento dos trabalhadores rurais

A situação existente reflete-se de maneira positiva entre os assalariados agrícolas, levando-os em cada vez maior número a ingressar nas associações de lavradores e trabalhadores agrícolas. Não só o sindicato dos trabalhadores rurais de Maringá vem se fortalecendo, como novas associações são fundadas. Somente nos primeiros meses de 1961, três novas entidades se organizaram na região: a Associação dos Empregados Rurais de Nova Esperança, cuja assembleia de organização foi realizada no recinto da Câmara Municipal; a União Geral dos Trabalhadores de Mandaguassú, fundada em 9 de abril durante a realização de uma

grande assembleia à qual compareceram o representante do Prefeito, vereadores, o juiz de Paz e outras personalidades da cidade; e, a Associação dos Trabalhadores Rurais de Orizônia.

### Assistência eficiente

Grande influência para o desenvolvimento do movimento associativo dos camponeses do Paraná, vem tendo também a ação eficiente das entidades já existentes, principalmente no que se refere à assistência jurídica aos camponeses e de caráter social. Exemplo disso é a atividade desenvolvida pelo Sindicato dos Empregados Rurais de Maringá. Eis algumas vitórias dessa organização: acordos diretos, independentemente de ações judiciais e da intervenção dos advogados, 195 no ano de 1960 num valor de aproximadamente 2 milhões de cruzeiros; 18 mandados de despejo anulados; assistência médica e dentária para os associados, com desconto de 50% e outros.

## OBRAS ESCOGIDAS DE MAO TSE-TUNG

Tomo IV

(Edición en inglés)

460 págs. 22,2 X 15,2 cm.

Tela barnizada US\$ 1.60 — Rústica US\$ 1.26

Editado por: EDICIONES EN LENGUAS EXTRANJERAS, Pekin, China

Distribuidor: GUOZI SHUDIAN, Apartado postal, 399, Pekin, China

Agentes:

AGÊNCIA INTERCÂMBIO CULTURAL  
RUA DOS ESTUDANTES, 84 — Sala 28 SÃO PAULO, BRASIL

# Camponês da Paraíba Sabe Como Lutar: Ligas Ensinaram o Caminho

**JOAO PESSOA, maio** (do Correspondente JOSÉ IZIDRO) — "A Liga me protege e defende" — diz o camponês. E porque ele já se convenceu disso, sempre prontamente ao chamado da sua associação. Largou a enxada, reuniu a família e todos rumaram para a cidade, para participar da passeata. Sapê parou. Mais de 4 mil camponeses desfilaram pelas ruas da cidade até a praça. Os estudantes da Liga à frente, faixas com inscrições simples falando das reivindicações da gente que trabalha a terra, e o coro uníssono de milhares de vozes a clamar justiça, a pedir a expulsão do policial espancador e assassino e a pedir que os latifundiários abram a terra para o lavrador plantar.

A violência e o terror policial desencadeados na região de Sapê pelos latifundiários, com o objetivo de escravizar pela força e pelo medo a influência da poderosa Liga Camponesa, encontrou a resposta que merecia. A gigantesca manifestação, logo seguida de outras, das quais a mais importan-

te foi uma concentração na própria capital do Estado, verificou-se em virtude principalmente do assalto contra a casa do lavrador Ludgero Almeida, líder das Ligas na região, e das numerosas prisões de camponeses, além de outras violências, verificadas em Sapê.

### Sob o império da violência

José Marinho Falcão e seu filho Clóvis Marinho são dos maiores latifundiários da zona. Por isso mesmo é que levaram a cabo o atentado contra Ludgero Almeida. Os capangas estavam à mão para a carnificina planejada. O dia escolhido foi exatamente aquele em que o líder camponês reunia em sua casa outros camponeses. O próprio Clóvis Marinho comandou o assalto. Os jagunços invadiram a casa, pistolas na mão, atirando a torto e a direito. Os camponeses reagiram, vários foram feridos pelos balaios dos bandidos, alguns gravemente. Mas, a tentativa fracassou e os jagunços fugiram do local abandonando mortos seus

cúmplices Manoel Benício e Fernando Rodrigues.

O assalto culminou a onda de violências planejadas e levada a cabo pelos latifundiários em Sapê e zonas adjacentes. São numerosos os casos: na usina "Santa Helena", capangas armados forçaram um camponês a arrancar suas fruteiras e depois obrigaram-no a sair da terra; episódio idêntico ocorreu na fazenda Viveiro, pertencente ao latifundiário Renato Ribeiro; nas terras de sua propriedade, no município de Mamanguape, os Lundgrens enviam suas máquinas para arrasar as plantações dos camponeses, principalmente os canaviais; no município de Pilar, capangas e soldados a soldo dos proprietários de terra, desmataram uma operação terrorista, destruindo plantações e casas dos camponeses, espancando-os e os obrigando a abandonar a terra; o latifundiário Antônio Vito, acompanhado de policiais, invadiu a casa do lavrador João Pedro Teixeira com o objetivo de obrigá-lo a se retirar das terras que lavrava. O camponês se negou e foi preso.

O clima na região se tornou insustentável quando os latifundiários puseram a seu serviço, em Sapê, um conhecido esmecedor, o tenente Antônio de Barros. Em oito dias o policial prendeu 50 lavradores, além de praticar outras violências. Depois veio o assalto à casa de Ludgero e, consequentemente, a resposta enérgica das Ligas.

### Batalha contra os exploradores

Logo depois da manifestação de protesto realizada em Sapê, iniciaram as Ligas o movimento em direção a João Pessoa, com o objetivo de exigir do governador Pedro Gondim providências para por um parêntese à situação vergonhosa existente na região. Uma primeira comissão se entendeu com o chefe do Executivo paraibano, exigindo a remoção do policial espancador. Esta não se fez tardar. Um belo dia, o homem que recebera 50 mil cruzeiros — como apregoava — para "acabar com as Ligas no pau", abandonava cabisbaixo a cidade. Logo depois era instaurado processo para apurar a responsabilidade criminal dos autores do assalto contra a casa de Ludgero Almeida.

As primeiras derrotas enfureceram os latifundiários, que passaram a contratar assassinos profissionais para reiniciar a repressão contra os camponeses, ao mesmo tempo que se negavam a arrendar a terra aos lavradores. Esta medida veio afetar a mais de 15 mil camponeses, que de uma hora para outra se viram desalojados das terras que eram o seu sustento todos os anos.

Para contrastar na mesma medida à violência do latifúndio, as Ligas e os camponeses de todo o Estado se uniram num grande movimento. Medidas de caráter jurídico foram tomadas, ao mesmo tempo que era ordenada a mobilização geral dos camponeses das Ligas. Comissões começaram a se dirigir a João Pessoa, para se entrevistar com o governador. Uma grande manifestação foi convocada para a capital do Estado: realizar-se-ia uma grande passeata pelas ruas principais de João Pessoa, culminando com a entrega de um memorial ao sr. Pedro Gondim.

### Comêço da vitória

A pressão dos camponeses surtiu efeito. O governador convocou em grandes propriedades de terra para uma reunião em Paraíba. Durante a discussão do assunto, estes fizeram as suas reivindicações, apoiadas as Ligas, pedindo que fossem tomadas medidas para acabar com a "agitação". A resposta

do governador foi lembrar que o problema do camponês não é mais questão de polícia, e anelar aos proprietários para que voltassem atrás na decisão violenta que tomaram.

A vitória do movimento se concretizou dias após. Os latifundiários cediam e abriam as áreas de plantações. Alguns resistiram ao apelo do governador, como é o caso do fazendeiro João Meireles. A Liga dos camponeses de Sapê tentou um acordo com o latifundiário, mas, como este não cedesse, os próprios camponeses, já desesperados e prejudicados pelo fato de terem de começar o plantio com atraso, acunaram as terras e começaram a trabalhar. João Meireles ainda tentou o recurso da polícia, mas fracassou em virtude da pronta ação do departamento jurídico da Liga, e acabou concordando em arrendar as terras.

### Cresce o prestígio das Ligas

A ação efetiva das entidades em defesa dos direitos dos camponeses faz com que seu prestígio aumente a cada dia, assim como os seus contingentes. A consciência das vantagens da organização é cada vez mais profunda entre a gente do campo da Paraíba. A carteira de sócio da Liga já constitui algo muito importante. E como se ela desse ao camponês a certeza de que não está sozinho. E, tanto isso é verdade, que um dos meios que o latifundiário usa para tentar demover o lavrador de lutar pelos seus direitos, é mandar os capangas iniciarem a violência rasteira a carteirinha de sócio da Liga que o camponês possui.

"Eu sou da Liga. Você já é?" — a pergunta corre de boca em boca em todo o Estado. O resultado? A Liga de Sapê já conta com 5 mil associados. As Ligas de Guarabira e Alhandra crescem ininterruptamente. Em Santa Rita, município da várzea, cresceram por duas vezes e quase 100 engenhos, a Liga foi fundada recentemente. Já conta com 500 associados e recebeu o apoio do Prefeito. Este, no dia da assembleia da fundação, mandou instalar um palanque e iluminar o local onde se realizaria o ato. Em Mamanguape, cidade com 83 mil habitantes onde se localiza uma fazenda de propriedade do ex-governador José Fernandes (que nada fez até hoje pelos camponeses da região) e se acha instalada uma fábrica de tecidos dos Lundgrens (que monopolizam 50% das terras férteis do município), também foi fundada uma associação em defesa dos camponeses: a Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Mamanguape, que já conta com centenas de aderentes.

O movimento irresistível das Ligas, ganha, assim, todo o Estado. Prova disso são também as manifestações tributadas ao deputado Francisco Julião, líder das Ligas pernambucanas, em várias cidades parabaianas. Quando de sua visita, o deputado falou a mais de duas mil pessoas em Santa Rita, a mais de 5 mil em Sapê, a quase 3 mil em Alhandra e a centenas em Guarabira.

Por outro lado, o movimento vem recebendo cada vez mais solidariedade de outros setores da população em todo o Estado. Durante as ocorrências verificadas em Sapê e outras localidades nos meses de maio, uma corrente das latifundiárias, a Federação dos Trabalhadores no Indústria do Estado da Paraíba manifestou a solidariedade aos camponeses e a publicação de seu solidariedade. As Ligas, assim como as entidades locais, também se uniram em solidariedade com os camponeses e lavradores das regiões. Se ficarem presentes a Associação Fabril de Pernambuco e entidades estudantis de secundaristas e universitários.

### NAZISTAS SÃO OS DONOS DO SUL

## Branco Amigo de Negro é Linchado nos EUA

LUIZ FERNANDO

No mesmo sábado em que a sra. Kennedy (gasta mais que a sra. Nixon para vestir-se) exibiu um lindo modelo novo de chapéu culminando a sua decantada elegância, um grupo de jovens brancos e negros que percorre os Estados sulistas dos EUA era selvagemmente espancado pelo crime de querer meter na cabeça dos norte-americanos uma realidade que todos há muito já aceitaram sem dificuldade — a coloração da pele não é, absolutamente, fator de superioridade de uns homens sobre outros. Lá mesmo nos Estados Unidos, Richard Wright e Langston Hughes na literatura, Sidney Poitier no cinema, grandes campeões como o inesquecível Jesse Owens, o decateleta Rafter Johnson e os boxeadores Joe Louis, Floyd Patterson e tantos outros, deveriam bastar para fazer os racistas verem esta verdade. Sem falar de Paul Robeson, Ella Fitzgerald, Sammy Davis Jr., Louis Armstrong e todos os músicos negros, os maiores propagandistas das coisas boas que também existem nos Estados Unidos.

### Por quê?

Os acontecimentos sangrentos de Montgomery, em Alabama, que prometem reproduzir-se em outros Estados, não são casuais, nem estão desligados dos problemas gerais que afligem os EUA. Talvez sejam mesmo uma decorrência deles, sua expressão mais desesperada.

Desorientado com os sucessivos fracassos que vêm amargando seu governo apenas iniciado, o próprio presidente Kennedy afirmou há dias que a História era feita pelos homens fortes, repetindo Hitler, concitando assim os atitudes de dominação dos mais fracos para confirmar a afirmação do primeiro mandatário do país. E os racistas aproveitaram a ocasião para reeditar a vergonha que deu triste fama a Little Rock, Arkansas, quatro anos atrás.

### Hitlerismo

O reverendo Martin Luther King, um dos mais destacados líderes da Integração racial, que foi cercado em seu templo protestante com cerca de mil e quinhentos fiéis negros, declarou aos jornalistas: "O Estado de Alabama vive atualmente em estado de barbárie, e comparável aos dias mais dramáticos da época de Hitler. As atitudes irresponsáveis do governador seu constan-

te desafio a lei e suas declarações cheias de ameaças são as razões principais da atmosfera de violência que reina atualmente neste Estado".

O governador, John M. Patterson, informado antecipadamente de que os distúrbios estavam sendo preparados inclusive por membros da Ku-Klux-Klan, chegou ao clímax de declarar que não tinha a intenção de proteger (proteger!) os agitadores que fomentavam violências raciais em seu Estado, e recusou os reforços policiais que lhe foram oferecidos.

Quem ainda duvidar do caráter fascista com que se revestem dirigentes norte-americanos, basta olhar nos jornais a fotografia do "ônibus do Ódio", conduzindo membros do Partido Nazista Americano, camisa parda e suástica no braço, uma ofensa à consciência dos que sofreram e dos que ainda sofrem as consequências da aventura imperialista da segunda guerra.

### As atitudes

As atitudes dos homens que governam o povo norte-americano em relação às duas facções — o grupo dos "Viajantes da Liberdade" e os nazistas do "ônibus do Ódio" — não deixam a menor dúvida quanto ao partido que tomam, quanto às suas tendências.

Enquanto a Corte estadual do Alabama proíbe a realização das viagens através do Estado e o governador do Mississippi, Ross Barnett, anunciava que impediria que os viajantes da liberdade fizessem escala em seu território, mandando a polícia levá-los para a Luisiana, onde a perseguição racial é intensa. O Procurador Geral do Alabama, Mac-Donald Gallion, cuja obrigação era meter os nazistas na cadeia e condená-los, limitou-se a pedir que não realizassem comícios.

### Inquietação do presidente

O sangue correndo no Alabama não deixou de afetar a sensibilidade do presidente Kennedy, causando-lhe "certa inquietação". Os telegramas das agências acreditadas na Casa Branca não esclareceram qual a inquietação que comove o presidente, persistindo a dúvida se ele se preocupa com o destino dos negros e brancos que integram a caravana dos "Viajantes da Liberdade", ou com o dos assassinos que usam camisa parda e cruz suástica no braço.

## Nota Internacional

### Viena: mais um ponto a favor da paz

Abriam-se as portas para o reinício do diálogo. Nos dias 3 e 4 de junho, em Viena, Kruschiov e Kennedy vão se encontrar para retomar o fio das conversações iniciadas em 1959 e interrompidas em maio do ano passado, quando da grave provocação norte-americana contra a União Soviética (o caso do U-2) que levou ao fracasso da conferência de cúpula convocada para Paris.

O acontecimento anunciado simultaneamente em Moscou e Washington, exatamente num momento em que a situação internacional se apresenta bastante tensa e perigosa para a paz mundial, deve ser saudado como uma vitória dos povos que lutam contra os propagandistas da guerra e os inimigos da coexistência pacífica. Os pontos dessa vitória podem ser computados desde já à política firme da URSS e dos países do campo socialista, cuja orientação em matéria de política internacional se baseia nas resoluções aprovadas pela conferência dos partidos comunistas e operários, realizada em Moscou, em novembro do ano passado.

A conferência que ora se anuncia vem sendo preparada desde os primeiros dias deste ano. Logo após a posse do presidente Kennedy, o primeiro-ministro Kruschiov já manifestava, em mensagem enviada ao novo ocupante da Casa Branca, a sua simpatia para com um possível encontro dos dois chefes de Estado. Em março, segundo se anuncia agora, já se estudava nas duas capitais, a possibilidade desse encontro, muito embora os círculos mais reacionários do governo norte-americano opusessem resistências à sua concretização. Essas resistências, o desenvolvimento da situação internacional veio comprovar, estavam ligadas a uma vasta manobra imperialista destinada a criar as condições favoráveis para a guerra com a intervenção aberta dos Estados Unidos no Laos e com a invasão de Cuba. O plano nesse sentido fora minuciosamente elaborado durante o governo de Eisenhower e a sua execução ficou a cargo de Kennedy. A tentativa foi realizada, mas o seu curso interrompido nas praças de Giron e na planície dos Jarros.

A história que marcou os pronunciamentos daqueles elementos mais comprometidos com a política de guerra do imperialismo, dentre os quais o presidente Kennedy pontificou como o mais exaltado e irresponsável, naqueles dias amargos para o imperialismo, sucedeu-se a reação unânime dos povos do mundo e a condenação enérgica dos agressores e da sua política. Mais uma vez, como vem se verificando desde a fracassada agressão anglo-francesa contra o Egito, o imperialismo se defronta com a realidade da nova correlação de forças mundial, a ele desfavorável, que o impede de levar a cabo a sua política de agravamento da situação internacional e que o obriga a dar marcha-atrás em seus planos belicistas e se curvar diante da exigência de negociações que podem abrir o caminho para o desarmamento e a redução da tensão internacional.

Dentro desse panorama e em virtude da preponderância das forças pacíficas hoje existentes no mundo, é que se verificará o encontro de Viena.

A disposição de paz que inspira os atos do governo da União Soviética é conhecida e vem sendo a determinante de sua política no campo das relações internacionais. Ao presidente Kennedy, depois da lição que recebeu nesses seus primeiros meses de governo em matéria de política internacional, apresentar-se para as negociações compreendendo claramente que a política agressiva do imperialismo não leva a nada e está condenada ao fracasso.

O princípio da coexistência pacífica, que prevalece nas condições do mundo de hoje, caracterizadas pela existência de países socialistas e capitalistas, é o único que pode determinar um modus vivendi consentâneo com as necessidades e as exigências de todos os povos. Os nossos votos são para que a conferência de Viena, entre os dois estadistas, se realize sob o espírito desse princípio.



# FIDEL CASTRO PROCLAMA O SOCIALISMO NO 1.º DE MAIO

Publicamos abaixo um resumo do discurso pronunciado pelo primeiro-ministro Fidel Castro no grandioso desfile do 1.º de Maio em Havana. Fidel anunciou, inicialmente, a diferença nas comemorações do Dia dos Trabalhadores hoje e no passado. Antes, era uma jornada de luta contra a exploração. Entretanto, como é diferente hoje, como é diferente inclusive dos primeiros desfiles que se seguiram ao triunfo da Revolução? O desfile de hoje nos mostra quanto já avançamos. Já os operários não têm que submeter-se àquelas provas, os operários já não têm que implorar os ouvidos surdos dos governantes, os operários já não estão submetidos a nenhuma classe exploradora. Já não têm à frente do país um governo a serviço dos interesses dos que exploravam a sua classe, e sabem que tudo o que a revolução faz, tudo o que o governo faz ou possa fazer tem um só e exclusivo propósito: ajudar a classe operária, ajudar o povo. De outra forma jamais se poderia explicar esse sentimento espontâneo de apoio ao Governo Revolucionário, essa transbordante simpatia manifestada por cada homem e cada mulher ao passar frente à tribuna". E esse é o verdadeiro povo. Quem vive ou quer viver como parasita não pertence realmente ao povo. Só tem direito a viver sem trabalhar o inválido, o enfermo, o anão e a criança. Esses têm o direito a que trabalhem para eles, a que velemos por eles e que se possam beneficiar do fruto do trabalho de todos. O que nenhuma lei moral poderá justificar jamais é que o povo trabalhe para os parasitas. E o que por aqui desfilou foi o povo trabalhador, que não quer voltar, nem se resignará jamais a voltar a trabalhar para os parasitas.

"Aqui — continua Fidel — era comum falar-se em Pátria por parte de uma série de senhores que tinham de Pátria um conceito muito mesquinho. Falavam sempre de Pátria e proclamavam a obrigaçao e o dever de defender a Pátria. Mas, que Pátria? A Pátria de uns poucos? A Pátria de um punhado de privilegiados? A Pátria onde um senhor possui mil "cabellerias" de terra (1 "cabelleria" corresponde a 13,4 hectares — NR) e tem três casas, enquanto outros, vivem em choupas? A Pátria onde uns poucos têm todas as possibilidades e se apropriam do trabalho de todos os demais ou à Pátria do homem que não tem nem sequer onde trabalhar, à Pátria da família que vive num bairro de indigentes, à Pátria da criança faminta e dasca que pede esmolas pelas ruas? Verdadeira é a Pátria de hoje, onde conquistamos o direito de construir nossos destinos, o direito de construir o futuro, que será necessariamente melhor que o presente. É a Pátria de que não se poderá mais dizer que seja propriedade de uns poucos, a Pátria que será de agora em diante e para sempre — como a queria Martí quando dizia: "Com todos e para o bem de todos". E não a Pátria de alguns e para o benefício de alguns. Mas a Pátria como será no futuro e para sempre, em que deixará totalmente de existir essa injustiça de alguns terem tudo e quase todos não terem nada. Agora, sim, podemos falar de Pátria e ter um conceito verdadeiro de Pátria, e por isso dizemos: defendamos a Pátria e estamos dispostos a morrer por ela. Estamos dispostos a morrer por uma Pátria que não é de alguns, mas de todos os cubanos".

E isso, disse Fidel, ficou demonstrado na réplica fulminante aos agressores mercenários e imperialistas. "O sangue que se verteu no fio de sangue dos explorados de ontem, homens livres de hoje... E quem eram os que lutaram contra esses operários e esses camponeses? Dos mil primeiros mercenários capturados, estudando-se a sua composição social, conclui-se o seguinte: aproximadamente 800 eram de famílias acomodadas, que possuíam antes 27.556 cabellerias de terras, 6.666 casas, 70 fábricas, 10 usinas de açúcar, 2 bancos e 5 minas. Além disso, mais de 200 desses 800 eram sócios dos clubes mais aristocráticos de Havana e 135 eram ex-militares do Exército de Batista. Você está lembrado de que durante a discussão aberta que tivemos com eles, eu lhes perguntei se havia ali algum cortador de cana, e não apareceu ninguém, até que um deles levantou a mão e disse que uma vez ou outra havia cortado cana. Mas se eu lhes perguntasse, em vez disso, quantos latifundiários havia, 77 deles teriam levantado a mão. Temos a certeza de se perguntarmos a todos os que se acham aqui reunidos quantos eram donos de usinas de açúcar, ou de bancos, ou de latifúndios, não haverá um só. E se perguntássemos o mesmo aos combatentes que entraram lutando contra os invasores — membros das Milícias ou soldados da Polícia Nacional Revolucionária ou do Exército Rebelde — se verificássemos as riquezas dos que ali cairam ou ali combateram, não haveria seguramente um só banco, uma só mina, uma só usina, um só edifício de apartamentos, uma só indústria, um só latifúndio, um só sequer dos clubes aristocráticos que existiam nesta capital. E alguns desses cinzentos disseram que vinham lutar por ideais, pela livre empresa. A estas horas, que se detinha aqui um idiota a dizer que vem lutar pela livre empresa, como se o povo já não soubesse de sobre o que era a livre empresa: os baixos de indigentes, o desemprego para 500 mil cubanos, 100 mil camponeses sendo explorados pelos latifundiários, a discriminação, os assassinatos de líderes operários, o fôgo, o vício, a exploração, a incultura, o analfabetismo e a miséria para nosso povo... Como pode vir um senhorito ignorante do que é trabalhar, do que é suar, do que é sofrer, dizer aqui que veio assassinar camponeses e operários, que veio aqui fazer derramar o sangue do povo para defender a sua livre empresa. E não só a sua livre empresa ou a livre empresa de seu "papá", mas a livre empresa da United Fruit Company, a livre empresa da companhia lanque monopolista de eletricidade, a livre empresa da companhia que aqui controlava os telefones, a livre empresa das companhias que controlavam as refinarias — que nem sequer eram livre empresa, porque eram algo mais, eram monopólios e, como monopólios, haviam virtualmente liquidado a concorrência. Logo, esses senhores que aqui vieram, armados pelo imperialismo, quando diziam que defendiam a livre empresa, o que estavam defendendo realmente era o monopólio, que inclusive está contra a livre empresa, porque controla a vida a indústria, seus preços e seus lucros, sendo seu método precisamente a ruína de todos os demais".

## A farsa eleitoral

Depois de acentuar que o imperialismo e as classes dominantes de Cuba sempre se deram muito bem com a tirania e a corrupção de Batista, Fidel Castro afirmou: "Agora, quando se acabaram os clubes aristocráticos, o parasitismo, as negociações e a "bona-vida" às custas dos operários e camponeses, foram-se para lá e encontraram um governo lanque pronto a lhes dar tanques, bazookas e canhões para virem aqui derramar o sangue de operários e camponeses. Esses senhores falavam de eleições, que eleições queriam, aquelas eleições dos politiquinhos compradores de votos, que tinham dezenas de agentes com o tarefa de corromper consciências? Aquelas eleições em virtude das quais um infeliz homem ou mulher do povo tinha que entregar sua cédula para que lhe dessem trabalho em um hospital ou em uma obra pública, ou em que os professores, os profissionais, todos, tinham que mendigar os favores dos políticos para que lhes dessem um emprego? Aquelas eleições falsas e prostituídas que não eram senão o processo mediante o qual as classes exploradoras, através de seus advogados e de seus políticos se mantinham no Poder e, com o Poder, todo aquele regime de miséria e de fome sobre o povo? Há na América Latina muitas pseudodemocracias. O que se deve perguntar é quantas leis fizeram a favor dos operários, quantas leis fizeram a favor dos camponeses, onde está a reforma agrária, onde está a nacionalização do petróleo, onde está a nacionalização das minas, onde está a nacionalização das indústrias. E' isso que deve ser perguntado. Porque a Revolução, que é a expressão direta da vontade do povo, não é uma "eleição" cada quatro anos, uma eleição todos os dias, mas o constante atendimento às necessidades e aspirações do povo, uma constante reunião com o povo, reuniões onde está, em que o número de homens e mulheres que vieram espontaneamente e entusiasticamente manifestar seu apoio à revolução é muito maior do que o número de votos que eram antes comprados pelos partidos politiquinhos. Que queriam esses senhores: política, pasquins eleitorais, postos cheios de todos aqueles descarados com chapéu de palha e um clarinete ao lado? Eleições como aquelas, não as terço. Por que? Porque a revolução mudou, simplesmente, o conceito da falsa democracia, da pseudodemocracia como meio de que lançavam mão as classes dominantes, por um sistema de governo direto do povo, pelo povo e para o povo, como os fatos o demonstram. Ademais, porque é necessário, simplesmente, que transcorra um certo período, no qual os privilégios opressores têm que ser destruídos. Por acaso, tem o povo, agora, tempo para perder em eleições como aquelas? Não. O que eram os partidos políticos? Eram nada mais que a expressão dos interesses de classes. Pois há aqui uma classe que interessa. Sabem qual? A classe humilde, a classe dos que produzem, a classe dos que trabalham, os trabalhadores manuais e intelectuais. Essa classe está no Poder, e como essa classe está no Poder não lhe pode interessar adquirir outra vez o Poder da minoria exploradora, da minoria de privilegiados.

A Revolução sabe que essa gente nada conseguiria, nem por meia hora, em eleições realmente populares, porque não têm nem pay onde começar para combater a Revolução. Mas o que a Revolução não tem é tempo para perder, porque a Revolução não considera, nem remotamente, a menor possibilidade para a classe opressora restaurar o seu Poder. A classe opressora e exploradora não poderá jamais recobrar o Poder em nosso país. E ao povo, o que interessa agora? Ao povo o que interessa é que a Revolução siga adiante, sem perder um minuto, sem dar um só passo atrás — atrás, nem para adquirir impulso, como dizem os cartazes do povo.

Pode algum governo da América considerar-se mais democrático do que o Governo Revolucionário de Cuba, com o mal apelo do povo do que o Governo Revolucionário de Cuba? E pode conceber-se uma forma de democracia mais direta do que essa? E por que a democracia tem que ser a democracia pedante e falsa dos politiquinhos e da compra de votos, e não, ao contrário, ser democracia essa manifestação direta da vontade do povo expressa uma e mil vezes, todos os dias e constantemente, derramando o seu sangue, não indo a um colégio eleitoral para riscar o nome de um politiquinho, mas indo morrer, como foram morrer os homens do povo, os humildes homens do povo, combatendo contra os tanques e as armas lanques? Por que a Revolução deu ao povo algo mais que um voto a cada cidadão: deu um fuzil, um canhão, uma bazooka, uma anti-aérea, uma arma poderosa a cada humilde homem do povo que se apresentou às Milícias".

## Ataque à América Latina

Refere-se, em seguida, ao poderio militar de Cuba, esclarecendo que o armamento e a preparação militar são uma necessidade imposta pelo imperialismo, embora o povo cubano preferisse dedicar a sua energia unicamente na construção de obras pacíficas. E acrescenta: "Os fatos recentes provaram quanta razão tinha o povo de Cuba em armar-se e preparar seus operários e seus camponeses. Aos nossos operários e camponeses o imperialismo impôs a necessidade de armar-se para defender suas conquistas, sua terra, seus direitos, sua esperança, sua alegria, seu bem-estar e, sobretudo, para defender o seu direito a ter um futuro melhor. Se nosso povo não estivesse armado não seria possível esmagar os mercenários que levavam um equipamento tão moderno. E se não estivéssemos bem armados, os círculos agressivos do imperialismo já teriam há muito se lançado sobre nosso país... Simplesmente porque sabem que vão encontrar resistência os círculos agressivos do imperialismo se vêm na necessidade de meditar. Outra coisa seria se pudessem ocupar o nosso país em 24 ou 48 horas".

Mastra Fidel Castro, em seguida, que o ataque a Cuba era um ataque a todos os países da América Latina. "O desconhecimento da soberania de um país da América Latina pelo imperialismo lanque é o desconhecimento da soberania de todos os demais povos da América Latina, é um ataque à soberania de todos os povos irmãos da América Latina. Desde esse momento



# "CUBA É SOBERANA: NOSSO CAMINHO É O SOCIALISMO"

queno país que Hitler pôde repartir simplesmente porque era governado por uma burguesia reacionária. Se a Tchecoslováquia estivesse então governada, como está agora, pelo Partido Comunista Tcheco, Hitler, com toda certeza, não teria podido roubar um só pedacinho da terra tchecoslovaca. A burguesia reacionária e pró-fascista, temendo o avanço da revolução social, preferiu até o domínio de um Hitler a perder os seus privilégios, do mesmo modo que esses "senhoritos" preferem o domínio americano antes de perder suas propriedades, suas casas e seus latifúndios.

## Quem representa o perigo

Fidel Castro rechaça, em seguida, a calúnia de que Cuba represente um perigo para o povo norte-americano. Diz: "Dizem eles que um regime socialista aqui atenta contra a sua segurança. Não, o que atenta contra a segurança do povo dos Estados Unidos é a política agressiva dos belicistas dos Estados Unidos, essa política que lembra a soberania e os direitos dos demais povos. Quem está atentando contra a segurança dos Estados Unidos é Kennedy, porque essa política agressiva pode dar lugar a uma guerra mundial, e uma guerra mundial não custar a vida de dezenas de milhões de norte-americanos. Logo, quem atenta contra a segurança dos Estados Unidos não é o Governo Revolucionário de Cuba, mas o governo agressor e agressivo dos Estados Unidos. Não nos colocamos em perigo a vida de nenhum cidadão norte-americano. Estamos cooperativos, fazendo a reforma agrária, fazendo as Granjas do Povo, fazendo escolas, fazendo escolas, fazendo campanhas de alfabetização, enviando milhares de professores para o interior, construindo hospitais, mandando médicos, dando bolsas de estudo, construindo fábricas, aumentando a capacidade de produção do país, criando salas bibliotecas, convertendo as fortalezas em escolas e dando ao povo o direito a um futuro melhor, no nome em nome uma só família, um só cidadão dos Estados Unidos. Os que têm em perigo a vida de milhões de famílias, de dezenas de milhões de norte-americanos, são os que estão levando a uma guerra atômica, são os que estão procurando transformar Nova Iorque, como disse o general Eisenhower em uma Hlaximá... Em troca, o imperialismo, sim, não em nome a vida de muitos dos nossos cidadãos: o imperialismo introduziu aqui a metralha, o "fôforo vivo", armas, alentou os terroristas e contra-revolucionários, os assassinos, bombardeou nossas cidades, desmbarcou expedições de mercenários em nossas costas. Mas nenhum cidadão norte-americano pagou com sua vida as boas obras do Revolução. O que preocupa a eles é o exemplo de Cuba. Porque os monopólios não se sentem seguros. Dizem que seu regime é melhor que o nosso, que o capitalismo monopolista é melhor que o socialismo cubano! Então por que temem tanto, por que têm tanto medo do exemplo cubano? Se seu sistema é melhor que o nosso, que nos deixem em paz, e então todos os novos seguriões do exemplo do sistema lanque... Mas se querem destruir a Revolução, se dizem que não se sentem seguros com uma Revolução Socialista a 90 milhas de suas costas, estão reconhecendo, como dizia Kruschiov, sua falta de fé em seu próprio sistema".

Reafirmando o inalienável direito do povo cubano à sua soberania, adiantou Fidel Castro que o Governo Revolucionário está disposto a discutir com Washington todos os problemas, menos os que possam afetar essa soberania. "O único em que não estamos dispostos a admitir que se toque, nem sequer com a pátala de uma rosa, é no que se refere ao regime social que convém a nós estabelecer aqui. Frente a essa questão nosso povo não tem senão uma coisa a dizer: que o povo cubano é senhor dos seus destinos, e que o povo cubano é soberano e que o povo cubano é quem decide sobre qual o regime social, econômico e político que considera adequado e que não aceita discutir esse problema com o governo dos Estados Unidos... Sobre todas as demais questões estamos dispostos a discutir... Estamos prontos para discutir mas, da mesma forma, estamos prontos para nos defender. Da mesma maneira que estamos dispostos a nos sentar para discutir quando quisermos, estamos dispostos a disparar um milhão de tiros desde o momento em que o primeiro pára-quadista lanque cair em nosso solo. E saibam logo que, desde o instante em que puserem o pé em nossa terra terão começado a guerra mais difícil que jamais enfrentaram e que irão encontrar uma resistência como jamais conheceram em qualquer parte do mundo. Disse nos temos a menor dúvida, além disso, estamos convencidos de que essa guerra seria o princípio do fim do imperialismo. Desde o momento em que os imperialistas invadirem nossa terra não haveria aqui senão um dever para cada homem, jovem ou velho, para cada mulher, jovem ou velha, para cada criança, não haveria senão um dever: matar invasores, matar invasores. E eis uma coisa que queremos dizer: caso o nosso país seja invadido por estrangeiros não deve haver um só prisioneiro. Saibam os estrangeiros que invadirem o nosso país que terão de travar conosco uma luta de vida ou morte... Todo homem e toda mulher deve saber que esse é o seu dever, e esse dever todos sabemos cumpri-lo, de maneira simples e natural, como fazem os povos quando têm uma razão muito grande pela qual lutar".

## A Revolução e a Igreja

Fidel Castro refere-se, continuando, à presença de três padres falangistas entre os agressores, lendo trechos de seus hipocritas "apelos ao povo cubano, em nome de Deus". Diz Fidel: "E por que vêm aqui os três padres espanhóis falangistas e não vão para a Espanha, lutar pela liberdade contra o senhor Francisco Franco, contra o caudilho de Ferrol, que há mais de 20 anos oprime o povo espanhol, vendendo ao imperialismo lanque, assassinando os espanhóis, oprindendo os espanhóis e transformando a Espanha em uma base militar lanque? E que os lanques não lutam de modo algum pela liberdade de Espanha, nem na Nicarágua, nem na Guiné, onde eles são os grandes amigos de Franco e de

ses curas falangistas, em vez de irem para a Espanha pregar a luta pela verdade, vêm para aqui pregar a luta contra os operários e os camponeses que já se libertaram da exploração dos latifundiários, da exploração dos monopólios lanques, da exploração dos generais, da exploração da aristocracia. Que se dá, então? Que os padres falangistas e falangistas espanhóis vem aqui para fazer a guerra contra a Revolução? Pois, muito bem; vamos anunciar ao povo que o Governo Revolucionário, nos próximos dias, decretará uma Lei em virtude da qual declarará nula toda permissão para que permaneça no território nacional qualquer sacerdote estrangeiro que se encontre em nosso país. Lanverá apenas exceções para os sacerdotes que tenham sido honestos, que não tenham combatido a revolução. Esses podem solicitar permissão ao Governo que, se considerarem justo, pode conceder autorização... Poderemos permitir que continue a Faiança Espanhola, através de seus curas, expondo aqui derramamentos de sangue e a conspiração? Não! Não estamos dispostos a permiti-lo! E, simplesmente, já sabem os padres falangistas que devem ir preparando as suas malas. E é essa a única atividade contra-revolucionária que realizam? Não: estiveram desenvolvendo-a também nos colégios religiosos, abertamente, incutando entre os jovens que se acham sob sua influência o veneno da contra-revolução. E o fazem porque encontram precisamente o terreno adubado nesses colégios, para onde iam, em geral, os filhos das famílias endinheiradas. Ai, nesse caldo de cultura, lançavam as sementes do veneno contra-revolucionário entre os jovens, fomentando mentalidades terroristas, incutando em garotos inconscientes o ódio à sua Pátria e à sua Revolução. Por que tem a Revolução que tolerar semelhante crime? Como dissemos um dia, os culpados desses atos terroristas surgidos como consequência de semelhante campanha não seriam eles. Mais culpados seriam nós, por tolerar que todo um bando de facinorosos e reacionários incutassem esse veneno entre nossa juventude. Portanto, anunciamos aqui que, nos próximos dias, o Governo Revolucionário decretará uma lei nacionalizando as escolas privadas. Naturalmente, não as pequenas escolas, mas as escolas onde há muitos professores. Tiveram a mesma confusão os diretores das escolas particulares dos privilegiados e os diretores de outras escolas particulares? Não, tiveram condutas diferentes. Há muitos diretores de escolas particulares de tipo laico, e algumas escolas de tipo religioso, não católicas, que tiveram uma atitude diversa, que não estiveram incutando o veneno da contra-revolução. Que se fará com as escolas particulares que não tiveram uma conduta contra-revolucionária? Simplesmente, o Governo indenizará aqueles diretores ou proprietários de escolas que não tiveram uma atitude contra-revolucionária mas que, ao contrário, tiveram uma atitude favorável à Revolução. E a Revolução não indenizará nenhuma escola cujos diretores tenham feito campanhas contra-revolucionárias... Aos professores e empregados das escolas de caráter laico, será dado trabalho, com toda segurança. Os alunos poderão continuar indo às escolas, onde se manterá até se elevará o nível educacional e além disso, não terão que pagar absolutamente nada para ir às escolas. E se pode ensinar religião? Sim, nas Igrejas podem ensinar religião os padres que não façam campanhas contra-revolucionárias, porque uma coisa é a religião e outra coisa é a política... E as Igrejas poderão continuar abertas e nelas se poderá ensinar a religião".

Esclarece, a seguir, Fidel Castro que a Igreja e a Revolução podem conviver perfeitamente e que "não é a Revolução, absolutamente, que se opõe à religião, mas foram eles que utilizaram o pretexto da religião para combater a justiça, para combater os operários e camponeses, para combater os humildes, esquecendo-se do que dizia Cristo: "é mais fácil um camelo entrar no buraco de uma alfinha do que um rico entrar no reino dos céus".

## Os pequenos proprietários

Abordando o problema da pequena propriedade privada afirmou Fidel Castro: "Falamos de nossa Revolução Socialista. Significa isso que o pequeno comerciante ou o pequeno industrial tenha que preocupar-se? Não. As indústrias básicas, as minas, os combustíveis, as centrais açucareiras, os bancos, o comércio de exportação e importação, isto é, o volume fundamental e essencial da economia nacional está nas mãos do povo e os recursos suficientes para levar adiante e todo um programa de desenvolvimento da economia de novo país. Portanto, podem conviver com a Revolução e o pequeno industrial e o pequeno comerciante. A Revolução sempre teve em conta os interesses desses pequenos setores. A melhor prova é a Reforma Urbana. A Reforma Urbana afetava a 105 mil proprietários. Cerca de 14 mil mais haverão de 100 a 125 mil dos antigos pequenos proprietários recebendo regularmente dos bancos as mensalidades a que têm direito... A Revolução cumprirá a sua palavra no sentido de que nenhum interesse das camadas médias será afetado sem que se leve em conta esse interesse. O pequeno comerciante era explorado pelo grande capitalista. Hoje o pequeno comerciante dispõe de crédito, assim como o pequeno industrial. A Revolução não tem nenhum interesse em nacionalizar ou socializar essas pequenas indústrias, porque a Revolução já tem muito o que fazer com todos os centros de produção e as fontes de riqueza com que hoje conta para levar adiante o seu programa".

## Triunfo e esperança

"A Revolução não tem medo — continuou Fidel Castro. A Revolução é demasiado forte para ter medo, a Revolução conta com demasiado apoio para ter medo. Estas palavras, ditas em momentos difíceis, quando a ofensiva imperialista era lançada pelas forças, não depois tido o valor que têm hoje, depois da esmagadora vitória militar alcançada pelo povo contra os invasores, depois da destruição e captura total de sua força naval. Depois desse ato de hoje, desde o dia de 14 horas, o maior da história, o ponto do entusiasmo de que são testemunhas todos os visitantes — entusiasmo que não se pode fabricar com propaganda, entusiasmo que não surge senão quando é nascido profundamente do coração do povo — estas palavras são, sinceramente, palavras que dirigimos aqueles que, por haver nascido no passado e educados em muitas das mentiras do passado, tenham sido incapazes de compreender até hoje." E referindo-se à unidade dos agressores: "Nós, com toda franqueza, expressamos que, em nossa opinião, não devíamos diminuir nossa vitória com sanções que undessem parecer demasiado severas. Os novos vitoriosos são povos generosos. Obtivemos o triunfo os invasores uma vitória militar esmagadora e uma vitória moral, mas esmagadora ainda, ante os olhos do novo e ante os olhos do mundo. Por isso, não temos, repito, que amesquinhar nossa vitória, e veríamos assim ganharmos mais, porque a justiça não tem per que ser exatamente igual nesse caso com toda uma massa, quando uns têm mais culpa e outros menos culpa, quando alguns são conhecidos criminosos e torturadores e outros não haviam ainda torturado e assassinado".

Por fim, lembrou Fidel Castro a Declaração de Havana, afirmando que o pensamento da nossa Revolução, de nossa Revolução Socialista. E depois de ler um trecho da Declaração de Havana, disse, sob entusiasmados e inintermitentes aplausos, em várias outras ocasiões de seu discurso: "Este é o programa e a essência do pensamento de nossa Revolução Socialista, que hoje revivido neste dia de triunfo de êxito e de esperança para a classe operária de nosso país!"

# NOVOS RUMOS

## Do Ridículo ao Dramático

Basta pegar um jornal qualquer, de qualquer data, para termos a exata medida da sociedade em que vivemos. E sem esforço entendemos os abismos que se cavam e como os grupos são colocados de um lado e do outro desses abismos.

Há muitos anos, conheci um casal que usava o mesmo par de óculos. Enquanto a mulher se ocupava dos trabalhos de casa, o marido lia o jornal. Depois é que tocava à mulher a vez de ler todas essas notícias de que agora, que custam uma pequena fortuna para comprar dois pares de óculos, e agora, um cabelereiro de senhoras gráficas, que mandou sua cachorrinha, não são do tipo oriental. As senhoras gráficas, que enriquecem, a esse ponto, um cabelereiro, mandará, também, os seus bichinhos de estimação, para fazerem operação plástica em Paris. E os cegos andam nas ruas pedindo esmolas!

Uma noiva (Marta Rocha), dizem os jornais, gastou vários milhões em seu enxoval. Fala-se com a maior naturalidade de milhões, para comprar pratinhos de prata e alguns metros de renda, como se não houvesse tantas crianças maltrapilhas nas ruas desta cidade! E vai começar o frio! Lá nos mortos o frio é mais intenso e com alguns metros de flanela muitas crianças seriam agasalhadas.

Houve quem abandonasse um recém-nascido, por necessidade ou por vergonha. Afinal de contas se certas pessoas não se envergonham da miséria que as cerca, como pode alguém envergonhar-se de uma criança?

E houve, também, a moçoila de 16 anos, que se suicidou por motivos fútiles. E' muito pouca idade para tanto desespero. Onde já se viu criança com "motivos íntimos"?

Mas a moral social está salva. Está salvo o mundo livre. E está salva a civilização ocidental e cristã. Há uma cachorrinha que pretende fazer operação plástica em Paris, uma criança abandonada, u' moçoila suicida e uma grande naz, para todos os galos desta sociedade.

Ang Montenegro